



CONECTANDO MEMÓRIAS, DESCORTINANDO PAISAGENS:

Requalificação Paisagística Do Pátio Da Igreja Matriz Nossa Senhora Do Rosário - Várzea, Recife/PE

Letícia Rafaela da Silva Fraga
Trabalho de Conclusão de Curso
Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal de Pernambuco
Recife, 2025.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LETÍCIA RAFAELA DA SILVA FRAGA

**CONECTANDO MEMÓRIAS, DESCORTINANDO PAISAGENS: REQUALIFICAÇÃO
PAISAGÍSTICA DO PÁTIO DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO -
VÁRZEA, RECIFE/PE**

RECIFE

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LETÍCIA RAFAELA DA SILVA FRAGA

**CONECTANDO MEMÓRIAS, DESCORTINANDO PAISAGENS: REQUALIFICAÇÃO
PAISAGÍSTICA DO PÁTIO DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO -
VÁRZEA, RECIFE/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Pernambuco, Centro
de Artes e Comunicação, como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Onilda Gomes
Bezerra

RECIFE

2025

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE**

Fraga, Leticia Rafaela da Silva.

Conectando memórias, descortinando paisagens: Requalificação paisagística do Pátio da Igreja Matriz Nossa Senhora Do Rosário - Várzea, Recife/PE /
Leticia Rafaela da Silva Fraga. - Recife, 2025.

106 p. : il.

Orientador(a): Onilda Gomes Bezerra

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2025.

Inclui referências, apêndices.

1. Paisagem. 2. Paisagismo. 3. Pátio da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. 4. Espaço livre público. 5. Várzea (Recife). I. Bezerra, Onilda Gomes . (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

LETÍCIA RAFAELA DA SILVA FRAGA

**CONECTANDO MEMÓRIAS, DESCORTINANDO PAISAGENS: REQUALIFICAÇÃO
PAISAGÍSTICA DO PÁTIO DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO -
VÁRZEA, RECIFE/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Pernambuco, Centro
de Artes e Comunicação, como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em 18 de Agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Onilda Gomes Bezerra (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Ana Rita Sá Carneiro (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Célio Henrique Rocha Moura (Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia começar os agradecimentos de outra forma, sem ser agradecendo primeiramente ao único que é digno e merecedor de toda honra e glória de todas as conquistas em minha vida: Deus. Ele que esteve - e está - presente em todos os momentos da minha vida e ao longo da graduação mais uma vez Ele me surpreendeu com sua misericórdia e maravilhosa graça. “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém” (Romanos 11:36).

Gostaria também de agradecer aos meus pais, Ana Claudia e Francisco, que sempre se esforçaram para dar todo o suporte necessário para que eu e meu irmão pudéssemos concluir nossos estudos, oportunidade essa que eles próprios não tiveram, mas que não abriram mão para gente. À minha mãe um agradecimento especial por todo apoio físico e emocional nos momentos mais difíceis desse ciclo que está se findando, sem ela eu também não teria conseguido passar por muitos dos momentos não tão bons que a faculdade nos proporciona.

Agradeço também ao companheirismo do meu irmão, Lucas, que enfrentou essa jornada junto à mim, uma vez que entramos juntos na universidade lá em 2020 e, agora, cinco anos depois encerramos também juntos esse ciclo tão importante e marcante nas nossas vidas que nos tornará Arquiteta e Urbanista e Fisioterapeuta, respectivamente. Juntamente a ele, afinal agora são uma só carne, não poderia esquecer de agradecer à minha cunhada, Paulinha, que sempre se faz muito presente, como uma irmã verdadeiramente, e me acompanhou de perto também nesse momento.

Agradeço à minha avó Gizete, a única presente fisicamente até hoje e com quem passei muitas tardes da minha infância. À minha avó Netinha, que perdi ao longo da graduação, mas que em seus últimos anos me ensinou tanto sem nem perceber e ter noção, principalmente no tempo em que morou conosco lá em casa. Aos meus avôs João Branco e Daniel que do jeitinho deles, no tempo em que tiveram nesse mundo, se fizeram presente em nossas vidas, minha e do meu irmão, principalmente nas idas e vindas pra escola quando éramos ainda bem pequenos. Agradeço ainda aos meus tios e tias, primas e primos (sendo esses aqui os de sangue e os de consideração) que mesmo sem termos uma vivência cotidiana, afinal cada um está vivendo sua “vida-adulta”, também foram importantes para mais essa conquista, ainda que de maneira indireta.

Não poderia deixar de mencionar aqui os irmãos em Cristo que o Senhor me presenteou e que em diversos momentos estiveram junto a mim em oração passando por essa fase. Em especial, destaco os nomes de Aninha e Emmanuel formando nosso quinteto com

nosso mascote Kauã; Yuri, Ayla e Papai que além de orações também me ajudaram de forma mais efetiva nessa jornada, com muito amor, cuidado, acolhimento e palavras oportunas nos momentos que mais precisei; aos especiais amigos e irmãos que fiz na IP Comunidade Viva e também aqueles que fiz na ICM.

Agradeço ainda às minhas amigas de infância Carina, Carol, Duda Farias, Nathi, Rafa e Clara, elas que em cada - esporádicos - encontros que tivemos/temos foram/são capazes de me renovar e trazer a tona a felicidade pura de quando éramos crianças, como se a cada encontro elas pudessem me lembrar do conforto que é ter uma amizade tão sólida diante todos esses anos, às vezes nos encontrando com maior frequência, as vezes nem tanto, mas com a certeza que quando formos nos ver a amizade sempre será a mesma e nada terá mudado.

Na mesma linha de longos anos de amizade, não poderia deixar de citar e agradecer os amigos que fiz no Colégio de Aplicação, este que abriu as portas da UFPE em minha vida, e também aos professores que tanto me ensinaram. Entre tantos que poderia falar, cito aqui Duda Machado, Tai, Tutu e Ariston em que agradeço por termos mantido um vínculo tão forte e por ainda se fazerem tão presentes até hoje, em conversas no grupo, nos raros encontros e em momentos de estudos, mesmo cada um tendo seguido para uma área diferente - menos Tutu a quem falarei ainda mais a frente - e por me fazerem tão bem, de modo geral, e representarem uma época tão memorável da minha vida. Atrelado ao Aplicação faço um agradecimento especial a Aninha e Veroca, que estiveram tão presente e fizeram de fato parte daquele ano de preparo para a prova de ingresso no Colégio quando ainda éramos tão novas, lembro e carrego comigo as boas e afetivas memórias que construímos nas nossas idas super animadas para a biblioteca com o som nas alturas do Gol branco tocando “*Stayin Alive*” e em nossas idas à noite para o Pátio da Igreja lá para Gil, obrigada por me apresentarem um lado da vida tão mais leve, aventureiro e divertido.

Na faculdade, por sua vez, fiz grandes amizades que também pretendo levar para vida, mas antes destaco aquela que me acompanha desde o Aplicação: Tutu, minha duplinha que já era tão próxima no colégio, mas que se fez ainda mais presente nessa nova fase. Como sou grata por ter continuado na UFPE junto com ele, saber que o teria ali naquele novo passo sem dúvidas me deixou muito mais segura para tudo que viria a acontecer. Continuo meus agradecimentos às demais integrantes do meu GE06: Ana, Carol, May e Yas. Com certeza vocês foram um presente do Senhor em minha vida para fazer com que toda essa passagem ali pelo CAC fosse a melhor possível com todas as conversas, cumplicidade, alguns pequenos surtos, não poderia deixar de mencionar os nossos calendários que nos proporcionaram boas noites de sono e tantas outras coisas, só tenho a agradecer. Junto com eles não posso deixar de

ser grata aqueles que se achegaram mais ao longo do curso: Evelyn, Dani, Ducarmo, Everton, José e Gustavo, dando origem ao eterno GE10. Obrigada por terem deixado os momentos diários tão mais leves e risonhos.

Agradeço aos locais por onde passei como estagiária e onde aprendi muito, mas em especial destaco minha mais longa passagem: a EMLURB. Lá pude ter contato com a área na qual me apaixonei e que influenciou, inclusive, na escolha projetual deste trabalho. Lá também obtive diversas experiências com ótimos profissionais que sempre estiveram muito dispostos a estarem ensinando e passando tudo aquilo que tinham de conhecimento. Meu muito obrigada à Amy, Ju, Aline, Celso, Gino, Claudia, Flora, Lucas, Luis (que antes de ser colega de trabalho tive a honra de ser aluna), Andrea, Ana, Rafa, Liverson, Laila, Yohana e Bruna.

Por fim, não poderia deixar de agradecer à minha professora orientadora, Onilda Bezerra, que foi peça fundamental para o desenvolvimento e resultado deste trabalho. À todo momento sempre muito prestativa, acessível e bastante profissional, ela sempre se manteve bem próxima a mim e não me deixou sozinha em nenhum momento desse processo como um todo. Obrigada imensamente, esse trabalho é nosso!

Concluo aqui, dizendo que essa conquista não é só minha e sim de todos os que mencionei acima e também aqueles que porventura não foram mencionados, mas que também tiveram um papel fundamental não somente nessa etapa da minha vida, mas que formaram quem sou hoje. OBRIGADA.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal a realização de uma proposta de Requalificação Paisagística para o Pátio da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, localizado no bairro da Várzea, no Recife-PE. A área, carregada de memória e significado histórico, é usada diariamente por moradores, fiéis e visitantes, mas apresenta problemas urbanos evidentes como a predominância de veículos motorizados em detrimento dos pedestres e a escassez de áreas apropriadas para permanência, convivência e contemplação. A proposta surge justamente da necessidade de requalificar esse espaço, unindo história, cotidiano e paisagem em uma intervenção sensível às vivências locais. A pesquisa parte de uma análise histórica do bairro, que teve papel importante desde o início da colonização portuguesa no estado, passando por momentos marcantes como a Insurreição Pernambucana. A Igreja e seu pátio sempre foram pontos de referência, tanto espiritual quanto social. Atualmente, o lugar abriga usos diversos, como o religioso, comercial, residencial e educacional, mas sofre conflitos de apropriação do espaço urbano como o uso inadequado por autoescolas e a presença constante de carros estacionados em seus arredores. Para fundamentar o estudo, foram utilizadas referências teóricas como Jean Marc Besse, Kevin Lynch, Gordon Cullen, Jane Jacobs e Jan Gehl, bem como autoras que pensaram os espaços livres na realidade brasileira, como Ana Rita Sá Carneiro em parceria com Liana Mesquita e Raquel Tardin. Na compreensão do ordenamento espacial também se investigou as legislações urbanas incidentes na área, bem como se realizou visitas de campo para apreensão e percepção do espaço e da paisagem local, além da análise de projetos paisagísticos que referenciasem a proposta para a área. A proposta de intervenção busca valorizar os espaços livres do pátio, fortalecendo sua vocação para o encontro, o descanso e a contemplação, prevendo elementos como arborização, mobiliário urbano e a criação de percursos acessíveis visando tornar o espaço mais convidativo e seguro. A ideia central é recuperar o valor simbólico do lugar, sem deixá-lo engessado ou isolado da vida cotidiana. O projeto procura integrar, revelar e potencializar as pré-existências: as memórias, os usos sociais, as relações humanas e os afetos que ali se processam. Em suma, este trabalho não trata apenas de uma melhoria estética ou funcional, trata-se de um esforço para apreender a paisagem de um lugar singular a uma comunidade peculiar e com isso atender às necessidades de quem a vivencia, através de uma ação de requalificação urbana que respeite antes de tudo os valores locais que identificam os grupos sociais ali presentes.

Palavras-chave: Paisagem; Paisagismo; Pátio da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário; Espaço livre público; Várzea (Recife).

ABSTRACT

The purpose of this work is to propose a Landscape Requalification Project for the Patio of the Main Church ‘Nossa Senhora do Rosário’, located in the suburb of Recife, Pernambuco, Brazil. The area, rich in memory and historical significance, is used daily by residents, worshippers, and visitors but faces evident urban issues such as the predominance of motor vehicles over pedestrians and the lack of appropriate spaces for permanence, social interaction, and contemplation. The proposal emerges precisely from the need to requalify this space, bringing together history, daily life, and landscape in an intervention sensitive to local experiences. The research begins with a historical analysis of Várzea’s neighborhood, which has played an important role since the beginning of Portuguese colonization in the state, including significant events such as the Pernambuco Insurrection. The church and its patio have always served as spiritual and social landmarks. Today, the site hosts diverse uses—religious, commercial, residential, and educational—but suffers from conflicts over urban space appropriation, such as the improper use by driving schools and the constant presence of parked cars in its surroundings. To support the study, theoretical references were used, including Jean Marc Besse, Kevin Lynch, Gordon Cullen, Jane Jacobs, and Jan Gehl, as well as Brazilian authors who have studied public spaces in the local context, such as Ana Rita Sá Carneiro in partnership with Liana Mesquita and Raquel Tardin. The study of spatial organization also involved an investigation of the urban legislation applicable to the area, along with field visits to grasp and perceive the space and local landscape, as well as the analysis of landscape design projects that could serve as references for the proposal. The intervention aims to enhance the open spaces of the patio, strengthening its vocation as a place for gathering, rest, and contemplation. It includes elements such as tree planting, urban furniture, and the creation of accessible pathways to make the space more inviting and safer. The central idea is to restore the symbolic value of the place without rendering it rigid or disconnected from everyday life. The project seeks to integrate, reveal, and amplify what already exists—the memories, social uses, human relationships, and affections that take place there. In short, this work is not merely about aesthetic or functional improvements; it is an effort to understand the landscape architecture of a unique place within a particular community and, through this, respond to the needs of those who inhabit it, through an urban requalification action that first and foremost respects the local values that shape the identity of the present social groups.

Keywords: Landscape; Patio of the Main Church Nossa Senhora do Rosário; Public space; Várzea (Recife).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do bairro da Várzea.....	14
Figura 2 - Regiões Administrativas da cidade do Recife com destaque para a RPA 4.....	14
Figura 3 - Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes em 1875.....	20
Figura 4 - Magitot em 1987.....	21
Figura 5 - Educandário Magalhães Bastos em 1904.....	21
Figura 6 - Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos antes da demolição.....	22
Figura 7 - Igreja de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos.....	22
Figura 8 - Residência unifamiliar onde antes era a Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos.....	23
Figura 9 - Mapa do Recife das linhas de bonde e tração animal no ano de 1906.....	24
Figura 10 - Mapa de adensamento da Cidade do Recife, 1951.....	24
Figura 11- Estação ferroviária na Praça Pinto Dâmaso.....	25
Figura 12 - Bonde nos arredores da Praça Pinto Dâmaso em 1926.....	25
Figura 13 - Planta de projeto de ajardinamento de Burle Marx para a Praça da Várzea.....	26
Figura 14 - Rua da Feira - Rua Azereedo Coutinho - destacada em vermelho.....	27
Figura 15 - Rua da Feira “fechada” para carros em uma Sexta-feira.....	27
Figura 16 - Mapa de Usos.....	28
Figura 17 - Conjunto Eclético nos arredores da Praça da Várzea.....	29
Figura 18 - Educandário Magalhães Bastos.....	29
Figura 19 - Travessa Francisco Lacerda.....	30
Figura 20 - Edf. Praça dos Cedros.....	31
Figura 21 - Cafeteria “A Vida É Bela Café”.....	32
Figura 22 - Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	33
Figura 23 - O Melhor Cantinho da Cidade.....	34
Figura 24 - Aula de Auto Escolas.....	34
Figura 25 - Setorização Plano Diretor.....	36
Figura 26 - Condições de Ocupação do solo ZDSs.....	36
Figura 27 - Parâmetros Urbanísticos ZEPP.....	36
Figura 28 - Mapa Síntese de Leitura Socioespacial do Bairro da Várzea.....	39
Figura 29 - Diagrama da macrozona de estudo.....	41
Figura 30 - A “nova” paisagem varzeana.....	42
Figura 31 - Percurso do Riacho do Cavouco pelos bairros do Recife.....	44

Figura 32 - Publicidade sobre o morar na Várzea destacando o Instituto Ricardo Brennand..	45
Figura 33 - Restaurante Mango.....	54
Figura 34 - Igreja em funcionamento.....	55
Figura 35 - Muro baixo da Província dos Padres da Paróquia.....	55
Figura 36 - Grande muro alto da Província dos Padres da Paróquia.....	56
Figura 37 - Malha Urbana com destaque para as quadras.....	57
Figura 38 - Calçadas da Travessa Francisco Lacerda ocupadas por jarros.....	60
Figura 39 - Instalação de Feirinha temporária.....	62
Figura 40 - Instalações de Parque de diversões temporário.....	62
Figura 41 - Árvores do canteiro central no ano de 2011.....	66
Figura 42 - Levantamento das árvores existentes no Pátio.....	67
Figura 43 - Praça François Mitterrand.....	69
Figura 44 - Praça François Mitterrand.....	70
Figura 45 - Praça François Mitterrand.....	70
Figura 46 - Praça François Mitterrand.....	71
Figura 47 - Praça François Mitterrand.....	71
Figura 48 - Praça Mosteiro de São Bento.....	72
Figura 49 - Praça Mosteiro de São Bento.....	73
Figura 50 - Praça Mosteiro de São Bento.....	73
Figura 51 - Praça do Município de Ribeira de Pena.....	74
Figura 52 - Praça do Município de Ribeira de Pena.....	75
Figura 53 - Praça do Município de Ribeira de Pena.....	76
Figura 54 - Praça do Município de Ribeira de Pena.....	76
Figura 55 - Praça do Município de Ribeira de Pena.....	77
Figura 56 - Diagrama de diretrizes e partido.....	78
Figuras 57 e 58 - Primeira parte dos estudos de traçado para o Pátio.....	79
Figuras 59 e 60 - Segunda parte dos estudos de traçado para o Pátio.....	79
Figura 61 - Planta baixa projeto final.....	80
Figura 62 - Principal eixo carroçável do Pátio.....	81
Figura 63 - Acesso para a Travessa Francisco Lacerda.....	81
Figura 64 - Ponto de encontro da Rua Francisco Lacerda e a Rua Azeredo Coutinho.....	82
Figura 65 - Marcação de piso novo eixo - Primeira parte.....	83
Figura 66 - Marcação de piso novo eixo - Segunda parte.....	83
Figura 67 - Frontão da igreja livre e aberto.....	84

Figura 68 - Visada livre para a Igreja Matriz N. Sra. do Rosário.....	84
Figuras 69 e 70 - Alameda de Ipês na Rua Azeredo Coutinho e na Rua Francisco Lacerda....	85
Figura 71 - Frente da Igreja Matriz N. Sra. do Rosário.....	86
Figura 72 - Esplanada de chegada ao Pátio.....	87
Figura 73 - Banco de concreto com ripas de madeira.....	88
Figura 74 - Espelho d'água com a presença de um espirro d'água central.....	89
Figura 75 - Espirros d'água interativos.....	89
Figura 76 - Pátio da Igreja de N. Sra. do Rosário.....	90
Figura 77 - Calçada com massa arbórea central.....	91
Figura 78 - Pergolado proposto.....	91

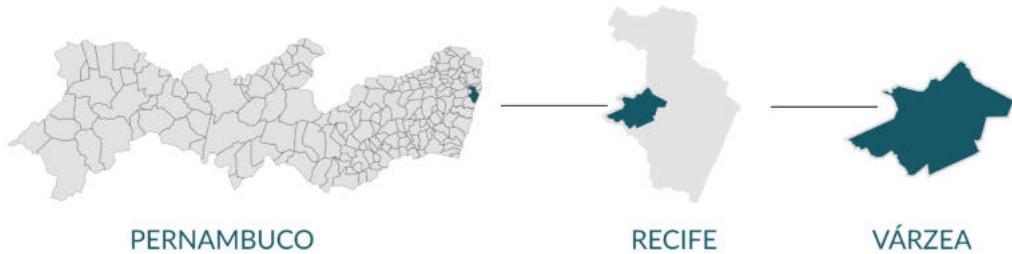
SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. CONHECENDO O OBJETO DE ESTUDO.....	18
2.1. A HISTÓRIA DO LUGAR E O CONTEXTO URBANO.....	19
2.2. USOS E TIPOLOGIA DO CONJUNTO EDIFICADO DO PÁTIO E SEUS ARREDORES.....	28
2.3. LEGISLAÇÃO URBANA INCIDENTE NA ÁREA.....	35
2.4. LEITURA DA PAISAGEM DO LUGAR.....	37
3. ABORDAGEM TEÓRICO-CONCEITUAL.....	46
3.1. A VISÃO DE JEAN MARC BESSE EM “O GOSTO DO MUNDO. EXERCÍCIOS DE PAISAGEM” (2014).....	47
3.2. KEVIN LYNCH E SUA TRADUÇÃO DA “A IMAGEM DA CIDADE” (2011).....	50
3.3. COMO GORDON CULLEN VER A “PAISAGEM URBANA” (2008).....	51
3.4. JANE JACOBS ATESTA “MORTE E VIDA DE GRANDES CIDADES” (2011).....	53
3.5. JAN GEHL E A CONSTRUÇÃO DAS “CIDADES PARA PESSOAS” (2013).....	58
3.6. ANA RITA SÁ CARNEIRO E LIANA DE BARROS MESQUITA - “ESPAÇOS LIVRES DO RECIFE” (2000).....	60
3.7. RAQUEL TARDIN CONSTRUINDO OS “ESPAÇOS LIVRES: SISTEMA E PROJETO TERRITORIAL” (2008).....	63
4. A PROPOSTA.....	65
4.1. DIRETRIZES DE CONCEPÇÃO PROJETUAL.....	66
4.2. REFERÊNCIAS PROJETUAIS.....	68
4.2.1 Praça François Mitterrand, França.....	68
4.2.2 Praça Mosteiro de São Bento, Garanhuns - PE.....	72
4.2.3 Praça do Município de Ribeira de Pena - Portugal.....	74
4.3. O PROJETO.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE A - PERSPECTIVAS.....	97
APÊNDICE B - PLANTA BAIXA FINAL.....	105

01: INTRO DUÇÃO

A Várzea (Figura 1) é o segundo maior bairro da cidade do Recife, Pernambuco, em extensão territorial e em números de habitantes, possuindo uma área de 2.225 hectares e mais de 70 mil habitantes em mais de 20 mil domicílios, de acordo com o censo demográfico de 2010. É também o bairro mais a Oeste da cidade do Recife, fazendo divisa com os municípios vizinhos de Camaragibe e Jaboatão dos Guararapes. A cidade do Recife está dividida em 6 Regiões Políticas Administrativas (RPA) e o bairro da Várzea está localizada na RPA 4 (Figura 2) juntamente com os bairros do Cordeiro, Ilha do Retiro, Iputinga, Madalena, Prado, Torre, Zumbi, Engenho do Meio, Torrões, Caxangá, e Cidade Universitária.

Figura 1 - Localização do bairro da Várzea



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 2 - Regiões Administrativas da cidade do Recife com destaque para a RPA 4



Fonte: Prefeitura do Recife, 2024.

Pode-se afirmar que a Várzea possui uma grande importância histórica para a cidade do Recife, visto que foi lá que se iniciou as repartições de terras no início da colonização portuguesa em Pernambuco. Ao longo dos anos, a Várzea passou a comportar até 16 Engenhos de açúcar, sendo o Engenho de São João o mais conhecido.

Na parte mais central, à margem direita do rio, em 1612, o povoado foi convertido em freguesia sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, onde no mesmo ano foi inaugurada a Capela da Várzea, onde hoje está localizada a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Vale ressaltar, que no século XIX a mesma passou por reformas que a mudou completamente, não restando nada da capela original.

Diante desse breve contexto, é notório que a Matriz tornou-se um importante marco para a formação do bairro, e o seu pátio (objeto de estudo do presente trabalho), por sua vez, sempre foi um ponto de encontros de pessoas, não só de fiéis da Igreja em si, mas, ao longo dos anos, também dos transeuntes e usuários dos serviços oferecidos no seu entorno imediato. Assim, naturalmente, a dinâmica desse entorno foi se modificando e se consolidando para o que se encontra hoje no local: uso religioso, comercial, residencial e educacional.

Analizando essa dinâmica atual, observa-se que o espaço vem ganhando grande movimento, principalmente devido aos estabelecimentos comerciais que estão se ampliando no próprio pátio e no entorno imediato, sobretudo na Rua Azeredo Coutinho. Tudo isso se soma ao fluxo “pré existente” do cotidiano que advém dos fiéis da Igreja Matriz da Nossa Senhora do Rosário e ao inadequado funcionamento de aulas práticas de autoescolas nesse mesmo espaço.

Um outro ponto a ser destacado, é o fato de apesar de se ter cada vez mais um maior número de pessoas se apropriando cotidianamente do espaço, observa-se ainda que trata-se de um espaço que privilegia muito mais os veículos motorizados, visto que as ruas que circundam o jardim central, são significativamente largas. Boa parte delas acabam servindo de estacionamento, tanto para os fiéis como para os clientes dos estabelecimentos comerciais ali instalados, enquanto que as calçadas se tornam pouco usadas, já que as pessoas terminam andando pela rua.

Constata-se, portanto, que boa parte desse fluxo de pessoas se dá principalmente por causa dos cafés, restaurantes e bares ali presentes que se apropriam de forma positiva do lado externo dos estabelecimentos, colocando suas mesas e cadeiras nas ruas e calçadas e com isso alargam suas atividades abarcando o espaço público do passeio. É visível a carência de espaço público como um atrativo para os usuários da área, espaços ajardinados ao redor de todo o Pátio, por exemplo, que tem um grande potencial para ser um espaço livre público de descanso e permanência.

Com a mudança e a dinâmica urbana quanto ao uso e atividades nos arredores do largo da Igreja, observa-se uma maior valorização e notoriedade atribuída àquele espaço tanto para a cidade quanto para o cotidiano dos moradores locais, resgatando a importância histórica do

bairro para o Recife. Entretanto, registra-se pouco investimento na infraestrutura física urbana da área e na criação ou consolidação de espaços de convivência condizentes com as novas demandas que surgem, atualmente instaladas e as emergentes. É nesse sentido, que o presente estudo se justifica com o objetivo geral de propor uma requalificação da paisagem da área do Pátio da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, no bairro da Várzea, cidade do Recife-PE, mediante uma proposta de intervenção paisagística. E como objetivos específicos, busca-se:

- Conhecer e analisar a área e seu contexto do ponto de vista histórico-cultural e ambiental, bem como a situação atual no que diz respeito às condições urbanas locais;
- Analisar o contexto urbano a partir da interpretação do tecido urbano quanto ao uso e ocupação histórica, atual e tendências futuras, segundo a interpretação da paisagem urbana local e os espaços livres públicos;
- Identificar os principais marcos, caráter e valores locais da paisagem e dos espaços livres existentes, definindo-se diretrizes projetuais compatíveis com usos e atividades passíveis de se implementar nesse espaço;
- Desenvolvimento de um Estudo Preliminar de intervenção paisagística tendo como diretrizes projetuais os marcos histórico-culturais e ambientais da paisagem, bem como as vivências locais dos seus usuários.

Com esses objetivos estabelecidos, o trabalho será desenvolvido a partir do conhecimento e a análise da área do ponto de vista histórico e cultural, das condições urbanas e ambientais, interpretando-se o contexto e o caráter do tecido urbano, compreendendo-se a evolução do uso e ocupação do espaço estudado segundo suas vocações e tendências espaciais. Também será analisada a legislação urbana incidente na área e a leitura paisagística do espaço, tendo como premissa a exaltação dos valores locais dos marcos simbólicos e das vivências dos espaços livres públicos pré-existentes.

Nessa perspectiva, a compreensão da paisagem desse pátio será feita através do olhar que se debruça pelas “portas da paisagem” apontadas por Jean-Marc Besse, as quais se traduzem na leitura do Pátio da igreja e seus arredores não apenas como espaço físico, mas como um campo de estudo onde se entrelaçam memória, corpo, cultura, natureza e projeto. Gordon Cullen também vem aportar com o seu olhar da estética e do drama espacial urbano, através dos quais se definem percursos que delineiam e destacam elementos espaciais específicos que ordenam e dirigem o olhar, o extasiamento da paisagem urbana e a atração dos transeuntes pelos espaços urbanos. Kevin Lynch se soma a essa interpretação quando induz a enxergar ou identificar espaços marcantes que orientam espacialmente os usuários da cidade, dando legibilidade ao contexto urbano. O conjunto de espaços livres públicos no

contexto urbano deve ser tratado de modo sistêmico segundo suas categorias espaciais onde eles se interconectam e se integram formando um todo num conjunto articulado a partir das conexões dos fluxos e vivências humanas, como pensam e classificam os espaços livres Sá Carneiro e Tardin. Nesse sentido, os espaços livres são valorizados do ponto de vista humano a partir das trocas e usufruto das pessoas pelo conviver social e sentir a cidade no que ela se apresenta de beleza, funcionalidade, sentidos polissensoriais e segurança socioespacial para as pessoas que nela vivem, como aponta Jan Gehl e Jane Jacobs.

É importante que se destaque que, para o desenvolvimento desse trabalho e o entendimento do objeto de estudo, entende-se que o espaço a ser tratado, o largo em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, no bairro da Várzea, Recife-PE, é considerado um pátio, segundo a conceituação apresentada por Sá Carneiro e Mesquita (2000) no livro “Espaços Livres do Recife” :

“Pátio: São espaços livres públicos definidos a partir de uma igreja ou outro elemento arquitetônico expressivo, além do casario antigo aos quais dá acesso, quase sempre pavimentados e exercendo a função de respiradouros, de propiciadores do encontro social e eventualmente destinados a atividades lúdicas temporárias.” (SÁ CARNEIRO & MESQUITA, 2000, p.29)

A análise da paisagem desse pátio e seu conjunto histórico urbano com seus usos e atividades sociais, passagens e fluxos de pessoas e coisas, ambientes de convivência e ludicidade, foi processada mediante a utilização de um conjunto de procedimentos metodológicos, dentre os quais destacamos: a historiografia da área a partir de leitura, interpretação e análise de textos e trabalhos pertinentes sobre a área (livros, artigos científicos, dissertações, teses e/ou literatura específica, etc); visitas de campo, realizando-se levantamento de dados físicos e socioambientais, materializando-se em registros fotográficos e informações quantitativos e/ou qualitativos; e a análise de projetos referenciais de casos específicos que serviram de diretrizes projetuais para a intervenção paisagística proposta.

Por fim, são tecidas algumas considerações quanto à requalificação paisagística proposta considerando a apreensão da paisagem do pátio e seu entorno; a pré-existência das condições históricas e socioculturais urbanas e ambientais do sítio; os usos e as atividades do espaço urbano; e a socialização humana espacial existente e pretendida para o local tendo em vista à sustentabilidade e conservação dos valores da paisagem urbana local.

02.

CONHECENDO O OBJETO DE ESTUDO



2.1. A HISTÓRIA DO LUGAR E O CONTEXTO URBANO

O bairro da Várzea, Recife/PE, traz consigo uma grande carga histórica para a cidade, uma vez que foi nele onde ocorreram as primeiras repartições de terras no início da colonização portuguesa em Pernambuco. A etimologia do seu nome se dá pelo fato da área ser a planície de inundação do Rio Capibaribe, por isso, o bairro recebe o nome de Várzea do Capibaribe. Por tal característica, a área com uma umidade mais elevada, solo mais pantanoso e fértil, o que propicia o cultivo de plantas, atraiu os olhos dos colonizadores. Acredita-se que, por esse motivo, a área foi escolhida durante o início do século XVI pelos colonos portugueses para o plantio da cana-de-açúcar, passando de um pequeno povoado a uma freguesia.

O primeiro engenho criado foi o Engenho de Santo Antônio, que originou a povoação daquela área. Mais tarde, a Várzea comportaria 16 engenhos funcionando simultaneamente, sendo o Engenho de São João o mais conhecido. Na parte mais central, à margem direita do rio, em 1612, o povoado foi convertido em freguesia sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário - padroeira do bairro e a primeira capela a ser construída em 1612. Em 1746 a população local já havia chegado a 2.998 habitantes, com 11 engenhos ativos e 18 capelas.

É importante destacar que, em um contexto territorial e político em que a Várzea estava inserida, no século XVII, um dos grandes nomes símbolo de resistência na Insurreição Pernambucana (1645 a 1654), foi o capitão indígena brasileiro Antônio Felipe Camarão, que juntamente com outros grandes nomes, liderou as tropas que estiveram na linha de frente da resistência contra os holandeses que tinham interesse de se apossarem de parte das terras do que hoje chama-se o nordeste brasileiro.

Durante esses anos da Insurreição, a Várzea passou a ser capital da capitania pernambucana e em determinado momento desse período de disputas geopolíticas, o Engenho de São João, foi sede de um quartel general de onde saíram diversas estratégias de revoltas contra os tais invasores. Muitos dos grandes nomes dos conflitos que ocorreram nesse período eram encaminhados para serem sepultados na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Com Felipe Camarão, por sua vez, não foi diferente. Mesmo podendo presenciar diversas vitórias pernambucanas nas batalhas que vinham ocorrendo, ele não teve a oportunidade de estar presente no fim da insurreição (1654), vindo a falecer no ano de 1648. E foi justamente na Igreja do Rosário que ele foi sepultado, na sacristia, onde segundo a placa encontrada na frente da própria igreja, após escavações realizadas pelo Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi encontrado o cemitério das

vítimas das duas Batalhas dos Guararapes (Camarão chegou ainda a participar da primeira, mas se ausentou durante a batalha devido a enfermidade que causou sua morte).

Na placa afixada na frente da Igreja está descrito que “a Matriz tornou-se paróquia em 06/05/1837, deixou de ser em 1838 e voltou a ser paróquia novamente em 20/11/1846. Tempos depois passou por reformas, entre 1868 e 1872, nada restando da primitiva capela da Nossa Senhora do Rosário.” É mencionado, também, que no dia 29 de Novembro de 1859 Dom Pedro II realizou uma visita a Várzea para conhecer esse novo local histórico e outorgou à Matriz o título de “Imperial Matriz de Nossa Senhora do Rosário da Várzea”, permitindo que a coroa imperial fosse exibida em sua fachada, onde está presente até hoje.

O Cemitério Público da Paróquia da Várzea foi edificado nas proximidades do povoado em 1867, de acordo com os padrões de higiene vigentes na época, permanecendo sob a coadministração da Igreja Matriz de N. S. do Rosário, que também recebeu uma extensa reforma entre 1868 e 1872. Na Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes (Figura 3), datada de 1876, há uma menção ao cemitério nas imediações da Várzea e de sua igreja matriz (Costa, 2001; Guerra, 1970 *apud* De Melo; Halley, 2022).

Figura 3 - Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes em 1875



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

Com o desenvolvimento da área central da cidade do Recife, a Várzea ganha proporções e reconhecimento como “colônia de férias” pela sua ambiência bucólica e mitos

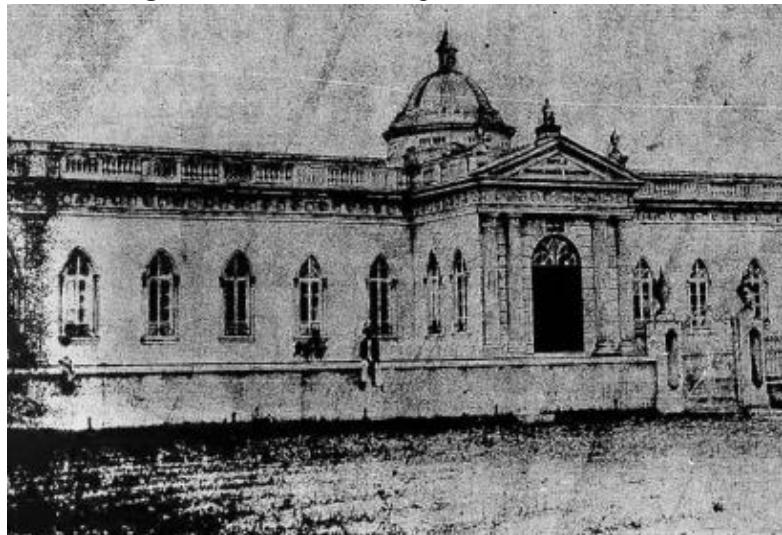
sobre o poder de cura das águas cristalinas do rio Capibaribe. A várzea se torna palco da construção de diversos casarões, que resistem até os dias de hoje, como o Magitot (Figura 4) e o atual Educandário Magalhães Bastos, (Figura 5).

Figura 4 - Magitot em 1987



Fonte: “Recife de Antigamente”, página da rede social Facebook, 2017

Figura 5 - Educandário Magalhães Bastos em 1904



Fonte: “Recife de Antigamente”, página da rede social Facebook, 2020

No mesmo pátio da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, existiam também as igrejas de Nossa Senhora dos Homens Pretos (demolida) (Figura 6) e a de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos (ainda existente) (Figura 7). A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos era mantida pela irmandade dos escravos. Seu frontispício era orientado para o sul e estava situada no mesmo pátio, na extremidade oposta à Igreja Matriz do Rosário da Várzea, que ocupava o terreno na esquina das Ruas São João e do Enterro, hoje conhecidas como Ruas Azeredo Coutinho e Francisco Lacerda. Embora a Igreja tenha sido

demolida, sua memória persiste entre os mais antigos do bairro. No local, foram edificadas duas residências particulares. (Silva Sobrinho, 2012 *apud* Feitosa, 2022) (Figura 8).

Figura 6 - Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos antes da demolição



Fonte: “Recife de Antigamente”, página da rede social Facebook, 2020.

Figura 7 - Igreja de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 8 - Residência unifamiliar onde antes era a Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos.

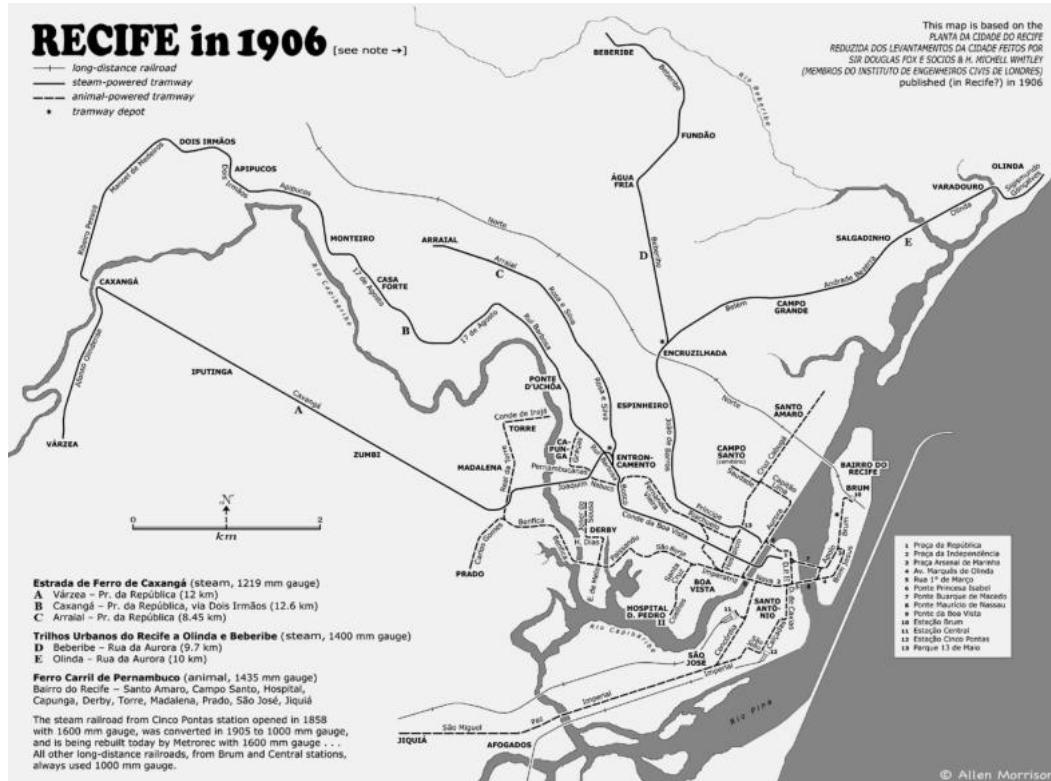


Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Com o passar das décadas, o bairro cresceu e foi agregando diferentes formas de ocupação, com usos diferenciados. Na área, encontra-se o Instituto Ricardo Brennand, a Praça da Várzea, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e seu pátio que agrega diversas atividades e atrativos, todos eles bastante conhecidos na cidade do Recife, pelo apelo turístico, como é o caso principalmente do Instituto, como também pelo teor cultural e comercial, por conta dos novos usos instalados na Praça e no Pátio, além, especificamente, do uso religioso para o caso da Igreja em si.

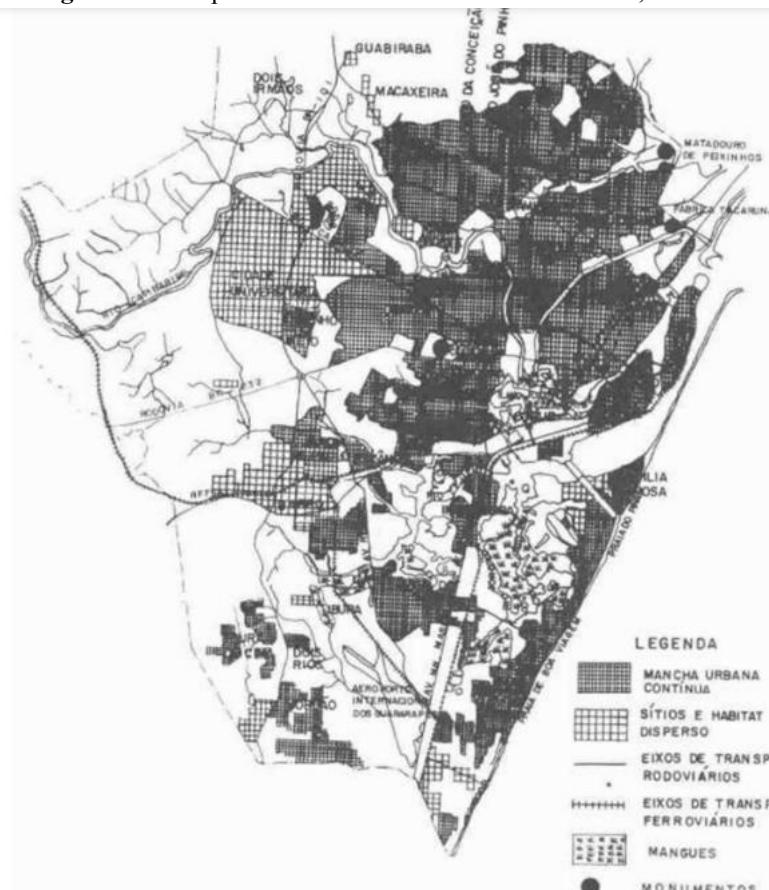
O bairro da Várzea tem seus limites marcados por importantes eixos de conexão da cidade do Recife, como é o caso da Avenida Caxangá e da BR 101. Em um mapa de 1906 (Figura 9) da cidade é possível perceber a presença do eixo da Caxangá, bem como o registro da Avenida Afonso Olindense, uma das principais vias do bairro, cortando-o de norte a sul. Nesse momento, e até meados da década de 1950, em que o Centro do Recife apresentava um adensamento populacional e uma mancha urbana contínua e a Várzea ainda apresentava sítios e habitats dispersos (Figura 10). Um dos maiores problemas do bairro era justamente o seu isolamento geográfico em relação ao grande centro, então conter vias de significativas conexões, como é o caso das duas já destacadas anteriormente, foi de suma importância para o desenvolvimento e crescimento do bairro, conectando-o com as localidades circunvizinhas, integrando e distribuindo os fluxos de pessoas e coisas.

Figura 9 - Mapa do Recife das linhas de bonde e tração animal no ano de 1906.



Fonte: Laboratório Topográfico de Pernambuco

Figura 10 - Mapa de adensamento da Cidade do Recife, 1951.



Fonte: URB- Recife *apud* Vasconcelos; Sá, 2011.

Vale destacar a Praça da Várzea, ainda que de maneira mais pontual, sendo inevitável afirmar que a mesma teve um importantíssimo papel no desenvolvimento e na história do bairro da Várzea, como um todo, enquanto centro congregador de atenções e usos diversos, constituindo-se como um importante bem histórico-cultural do bairro.

A Praça, denominada Pinto Dâmaso, que ganhou esse nome em uma homenagem ao prefeito de Recife Pinto Dâmaso dos anos de 1891-1893, tem seu primeiro registro em jornais sendo chamada de “praça” em 1895, quando passou de “largo”, onde estava localizada a estação férrea da Várzea (Figuras 11 e 12), para a praça propriamente dita. Trata-se de um importante espaço livre público a ser destacado, ratificando que desde cedo a mesma esteve localizada em ponto chave e central do bairro, além de estar interligada com a malha urbana da cidade do Recife.

Figura 11- Estação ferroviária na Praça Pinto Dâmaso



Fonte: “Recife de Antigamente”, página da rede social Facebook, 2013.

Figura 12 - Bonde nos arredores da Praça Pinto Dâmaso em 1926.

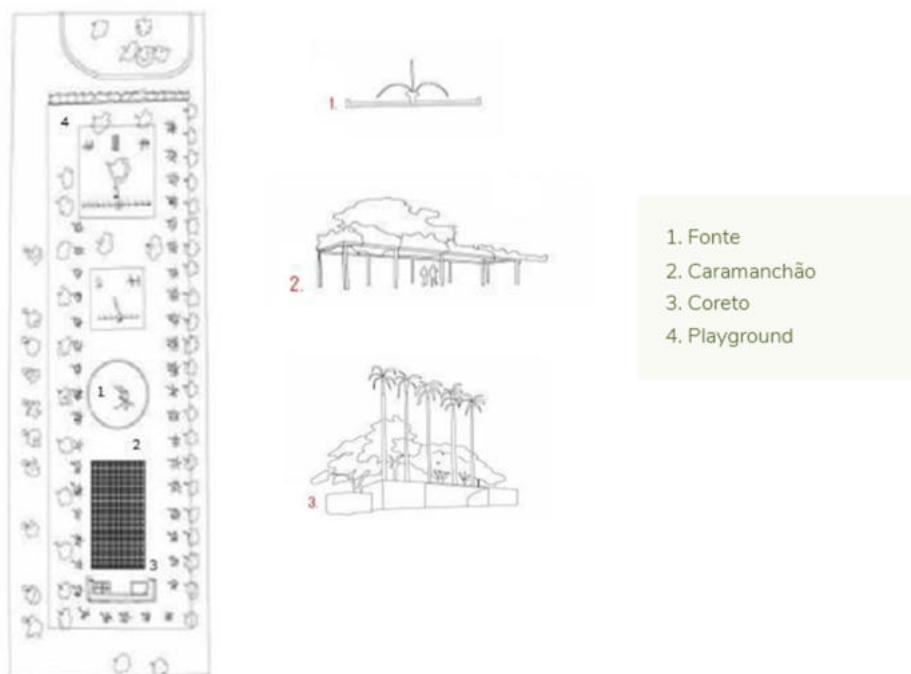


Fonte: “Recife de Antigamente”, página da rede social Facebook, 2013.

Seu primeiro projeto de ajardinamento foi promovido em 1936 pelo paisagista Burle Marx (Figura 13). Entretanto, o projeto não foi inteiramente executado. Registra-se que a

praça foi reformada e requalificada duas vezes por arquitetas da prefeitura do Recife, Maria do Socorro Florêncio Mussalém, em 1973; e Tereza Coelho, em 1995, porém ainda percebe-se os traços da arquitetura paisagística originária. Em 2011 ainda foi requalificada mediante projeto elaborado pela arquiteta Maria Inês de Oliveira Mendonça, pertencente ao quadro técnico da Prefeitura do Recife.

Figura 13 - Planta de projeto de ajardinamento de Burle Marx para a Praça da Várzea



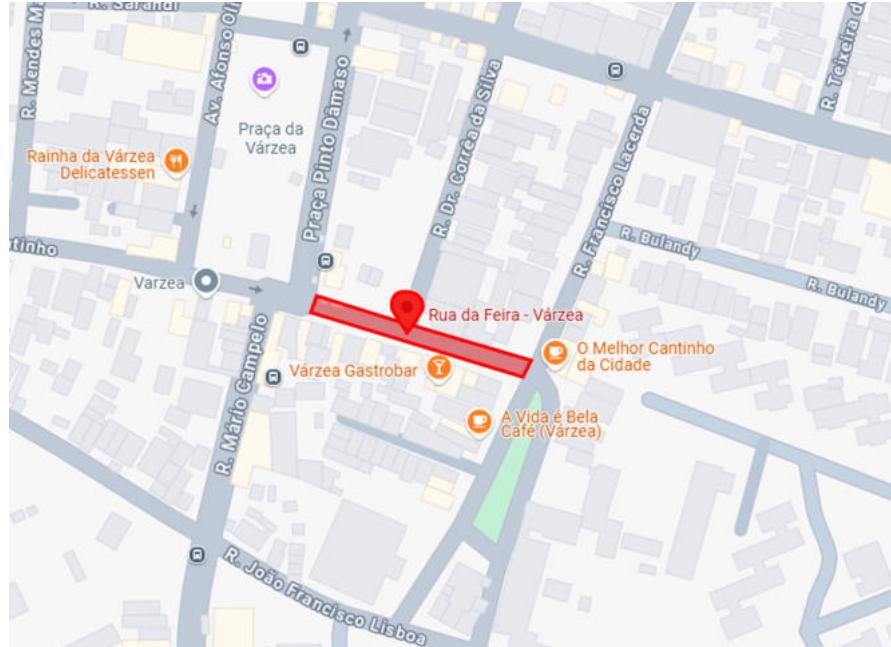
Fonte: Laboratório da Paisagem/UFPE *apud* Silva, 2020.

Atualmente, a Praça da Várzea é considerada um dos corações da cidade, sendo utilizada por várias pessoas para diversos fins por conter alguns equipamentos de lazer, contando com um playground, quadra poliesportiva, espaço de convivência, academia da cidade e espaço de manifestações culturais. Dessa forma, a praça se torna um importante espaço livre público que atrai tanto moradores como visitantes. Nos últimos anos, as entidades públicas da cidade promovem eventos culturais de diferentes origens e magnitudes, tornando a área um dos pólos artístico-culturais do Recife.

É importante ressaltar que o trecho da rua Azeredo Coutinho que liga a Praça da Várzea ao Pátio da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, destacado na cor vermelha na Figura 14, nos últimos anos vem ganhando maior visibilidade nas noites do bairro, virando um ponto boêmio muito característico de encontros e reencontros de pessoas. Essa via agora também é chamada de Rua da Feira, vem sendo popularmente conhecida, atraindo diferentes públicos para esse trecho, no qual em algumas noites, principalmente às sextas-feiras e finais

de semana, chega a ser totalmente tomada por mesas e cadeiras, e transeuntes de maneira geral, sendo fechada para a passagens de veículos motorizados (Figura 15), trazendo uma maior vitalidade a área, sobretudo aos eixos que convergem no Pátio.

Figura 14 - Rua da Feira - Rua Azeredo Coutinho - destacada em vermelho



Fonte: Google Maps, alterado pela autora, 2025.

Figura 15 - Rua da Feira “fechada” para carros em uma Sexta-feira

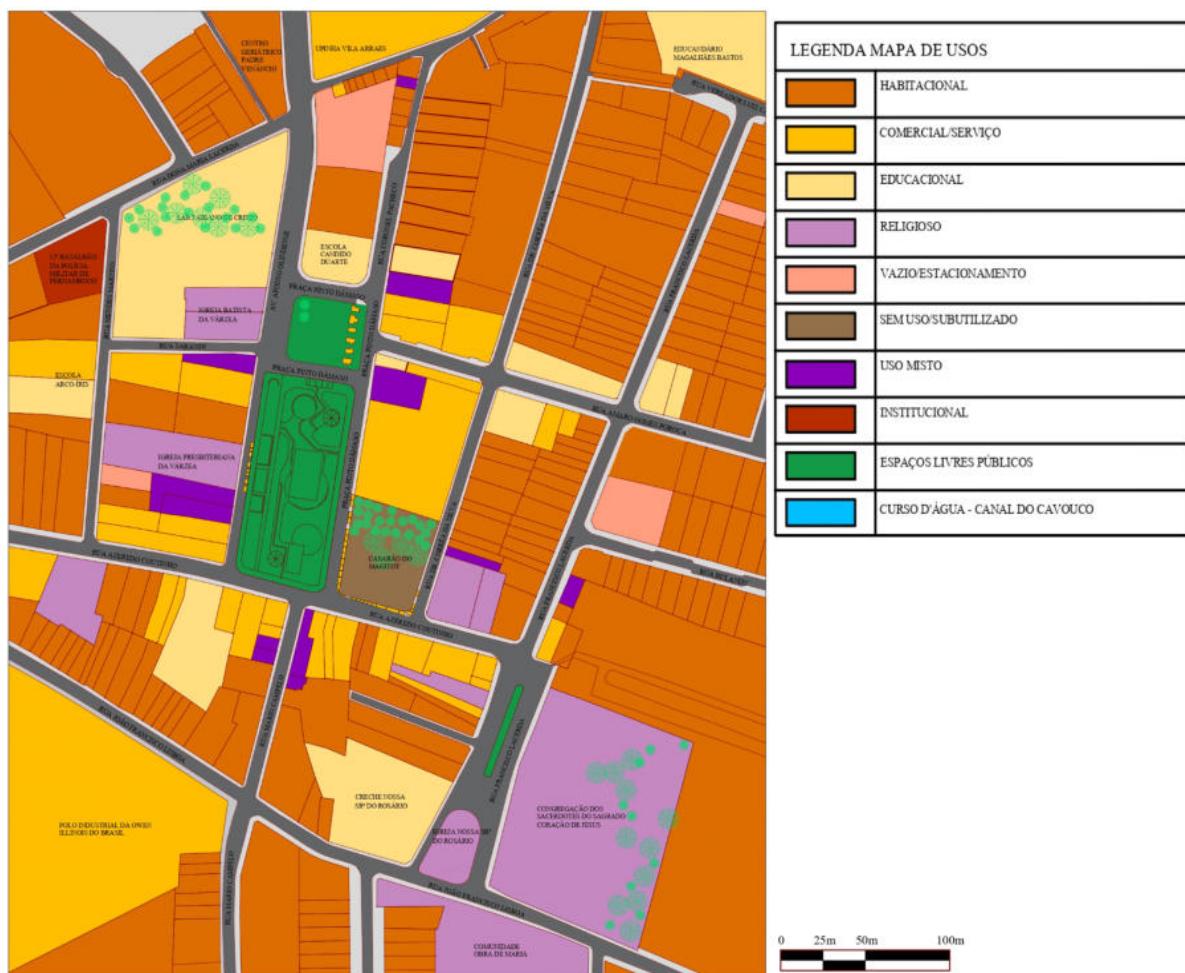


Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

2.2. USOS E TIPOLOGIA DO CONJUNTO EDIFICADO DO PÁTIO E SEUS ARREDORES

Na Várzea, de maneira geral, observa-se diferentes tipologias e usos para as diversas edificações e espaços que se encontram no bairro. Focando especificamente no recorte de estudo do presente trabalho e seus arredores imediatos, como pode ser visto na Figura 16, tem-se uma maior presença do uso residencial, comercial/serviço, religioso e educacional. As edificações, por sua vez, possuem diferentes atributos estilísticos: como do ecletismo (como os pontos comerciais nos arredores da Praça da Várzea na Figura 17), do barroco (como as igrejas do Pátio), do neoclassicismo (como o Educandário Magalhães Bastos na Figura 18), do colonialismo (como a Cafeteria “A vida é bela Café”, presente no Pátio), etc.

Figura 16 - Mapa de Usos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 17 - Conjunto Eclético nos arredores da Praça da Várzea



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 18 - Educandário Magalhães Bastos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

É importante destacar a forma como a dinâmica da população e sua relação com o conjunto edificado carrega consigo uma história, que cria, de certa forma, uma narrativa para o bairro da Várzea e reforça sua importância para a cidade do Recife de maneira histórica e cultural no atual no contexto citadino. Nesse sentido, na análise da dinâmica da localidade, é necessário fazer uma correlação das edificações, a tipologia, como também seu uso e a relação com os espaços livres do entorno. Como bem destaca Meneses (2017):

Quando se faz do habitante sujeito da cidade, a estética urbana deveria incluí-lo como produtor de experiências estéticas, apto a estetizar seu ambiente. Para tanto, é a prática da cidade – antes de mais nada, a prática do espaço – que lhe fornece os insumos, através dos quais ele procura inteligibilidade e fruição no cotidiano. A estética é condição seminal para a cidade significar, gerando subjetivação. (Meneses, 2017, p. 46)

Falando especificamente dos usos do recorte e seu entorno, pode-se destacar primeiramente o uso residencial. Analisando o bairro como um todo, observa-se que este é o principal uso do local, sendo essa justamente uma característica que descreve muito bem a essência do lugar e até mesmo influencia na dinâmica da população, visto que esta possui uma relação intimista e de identidade com a localidade. Essas moradias, em sua grande maioria, são edificações populares sem muita robustez e sofisticação arquitetônica, com poucos pavimentos, em média até dois, contendo algumas variações. Isso pode ser visto, por exemplo, na Travessa Francisco Lacerda, uma rua sem saída que tem entrada pelo Pátio (Figura 19). Porém alguns prédios construídos recentemente vem descaracterizando a horizontalidade tão presente na Várzea, dois deles estão presentes no eixo histórico em que o objeto de estudo se encontra, na Rua Francisco Lacerda: o Edf. Praça dos Cedros (Figura 20) e o Residencial Bosque da Várzea.

Figura 19 - Travessa Francisco Lacerda



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 20 - Edf. Praça dos Cedros



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Um segundo uso que é bastante presente na Várzea é o comercial, este uso por sua vez pode ser encontrado principalmente nas vias mais movimentadas da área, como nos arredores da Praça da Várzea, na Av. Afonso Olindense, na Rua Amaro Gomes Poroca, na rua Azeredo Coutinho e ainda na rua Francisco Lacerda, principalmente nas proximidades do Pátio do Rosário. Falando especificamente dos atributos estilísticos dessas edificações com esses usos, pode-se dizer que muitas das que possuem características ecléticas, coloniais e Art-Déco são utilizadas para esses fins. É importante destacar que em algumas dessas edificações, os atributos estéticos e históricos são promovidos para exaltar os valores quando na instalação dos usos, como é o caso da cafeteria “A Vida É Bela Café” (Figura 21), na qual realmente se apropriou dos atributos estéticos para criar certa ambientação bucólica, dando um “ar” mais aconchegante ao estabelecimento. Vale salientar ainda, em relação ao uso comercial, a forma como cada vez mais a boemia vem se instalando na Várzea principalmente no trecho entre a praça e o pátio, já citado, na Rua Azeredo Coutinho e nas redondezas das mesmas, trazendo constante movimento e vida a esses espaços livres públicos, sobretudo nos horários de fim de tarde e noite.

Figura 21 - Cafeteria “A Vida É Bela Café”



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Como atributos patrimoniais que concorrem para o objetivo do presente trabalho, tem-se ainda a forte presença de edificações com o uso religioso no recorte em questão, podendo ser citada a própria Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos, ambas já citadas anteriormente, e a Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, todos presentes nos arredores da Pátio do Rosário, cujos atributos estilísticos do barroco, dão uma certa monumentalidade e identidade na paisagem urbana do local. Além disso tem-se igrejas de diferentes denominações evangélicas espalhadas no entorno mais imediato do Pátio, como é o caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia (Figura 22) e ainda os demais anexos da igreja católica.

Figura 22 - Igreja Adventista do Sétimo Dia



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Dando ainda relevância à paisagem do bairro como um todo, pode-se destacar também os usos comerciais e de serviço que especificamente se instalaram no Pátio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, como as Cafeterias, “A Vida É Bela Café”, já citado anteriormente, e “O Melhor Cantinho da Cidade” (Figura 23), lá presentes, o que ultrapassaram os limites do bairro e se tornaram pontos de encontro de pessoas provenientes de todo lugar, tornando-se um local agradável e convidativo, propício a ser visitado. Esses estabelecimentos são muito procurados e até participaram do Festival Recife Coffee, onde um conjunto de cafeterias concorrem para o evento com o intuito principal de apresentar a cultura dos cafés especiais para um maior número de pessoas e ainda movimentar o setor de cafeterias e especialidades no estado (FOLHA DE PERNAMBUCO, 2024). Assim, o conjunto edificado e os espaços livres públicos desse local compõem uma paisagem singular com identidade própria que atrai a curiosidade e a vontade de usufruir do espaço pelas pessoas que por ali passam.

Figura 23 - O Melhor Cantinho da Cidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Contradicoriatamente às ideias aqui defendidas, o Pátio da Paróquia, vem sendo utilizado para aulas práticas de Auto Escola (Figura 24) durante o dia. A realização dessas aulas nos arredores do canteiro central do pátio da paróquia, levanta, por sua vez, sérias preocupações quanto à adequação do uso do espaço. Trata-se de um local que, além de possuir um inegável valor histórico-cultural, carrega também uma relevância paisagística e simbólica para a comunidade. A presença constante de veículos em manobras compromete não apenas a integridade do patrimônio, mas também a experiência contemplativa, de convivência e de lazer passivo que esse ambiente deveria proporcionar. Face o problema levantado, questiona-se a pertinência desse uso, optando-se por sua proibição e retirada diante do estudo paisagístico da área, considerando a necessidade de preservar o espaço que possui grande valor histórico-cultural e coletivo.

Figura 24 - Aula de Auto Escolas



Fonte: Google Maps, 2022.

2.3. LEGISLAÇÃO URBANA INCIDENTE NA ÁREA

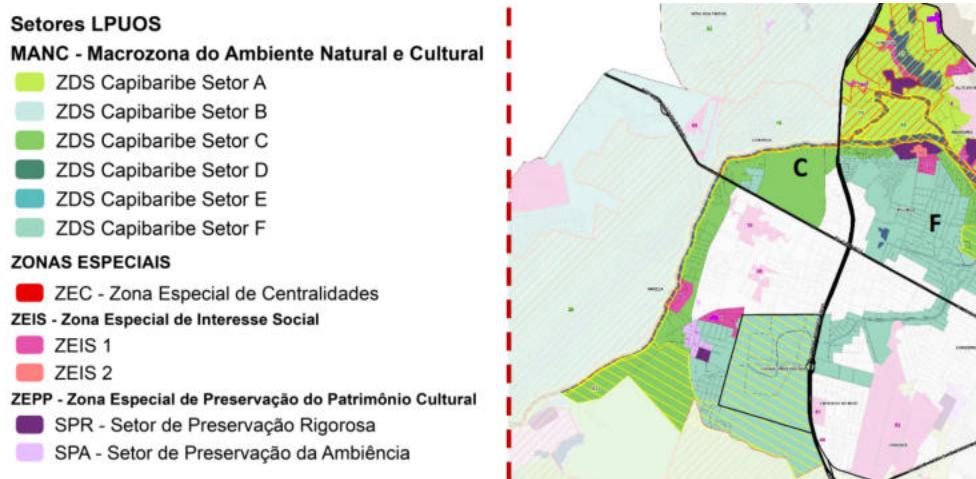
No Zoneamento Plano Diretor de 2020, o objeto de estudo pertence a Zona de Desenvolvimento Sustentável (ZDS - Capibaribe) e, dentro deste último, a Zona Especial de Patrimônio Histórico-Cultural (ZEPH 7), subdividido entre Setor de Preservação Ambiental e Rigorosa (SPA e SPR). Nos arredores imediatos define-se também a Zona Especial de Interesse Social (ZEIS – Campo do Banco); Zona do Ambiente Construído (ZAC – Planície 2). Nessa região existem alguns Imóveis Especiais de Preservação (IEPs) inseridos na ZEPH, como a Igreja Presbiteriana da Várzea, casas com fachadas estilísticas ecléticas e art-déco e o Casarão Magitot. Há também o Educandário Magalhães Bastos situado na ZEIS e o atual Colégio Mazzarello isolado na ZAC.

Atualmente, a ZEPH 7, que engloba o Sítio Histórico da Várzea, é delimitada pelos arredores do Pátio da Nossa Senhora do Rosário, como SPR, e os arredores da Praça Pinto Dâmaso como SPA, definidas pela Lei Municipal Complementar de 2021. A lei também define, no anexo 11, condições de ocupação para essas áreas, estabelecendo um gabarito de 7 metros e os seguintes requisitos especiais:

- c) Respeito à legislação vigente no tocante às condições internas dos compartimentos no que se refere às construções novas e/ou acréscimos, remembramento e desmembramento; [...]
- f) Gabarito máximo medido a partir da cota de piso fornecido pelo órgão competente até o ponto máximo da platibanda; no caso de edificações implantadas em terrenos inclinados, o gabarito deverá ser medido no ponto médio da edificação; [...]
- m) Nos lotes construídos onde existem IEPs (Imóveis Especiais de Preservação), poderão existir novas edificações, obedecendo aos parâmetros estabelecidos pelo órgão competente. A edificação existente não será computada neste cálculo; [...]
- p) Os terrenos construídos deverão ter taxa de solo natural de 60%; [...]
- t) Quando a linha-limite que define o perímetro de um dos setores de preservação dividir o imóvel, prevalecem para o mesmo as condições mais restritivas; se a linha-limite dividir o imóvel em áreas que tenham condições de constituir lotes independentes, prevalecem para cada lote as recomendações do Setor ou Zona em que estejam incluídos. (Lei de Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Recife, 1996)

No artigo 90 desta mesma lei, também menciona que “As condições de ocupação do solo e taxa de solo natural nas ZEPH terão como referência os parâmetros urbanísticos das zonas adjacentes e obedecerão aos requisitos especiais expressos no Anexo 11 desta Lei.” (Prefeitura do Recife, 1996). No caso da ZEPH 7, a zona adjacente é a ZDS - Capibaribe setor C (Figura 25).

Figura 25 - Setorização Plano Diretor



Fonte: Oficina Territorial - ZDS Capibaribe

A ZDS ocupa a maior parte do recorte da Várzea, possui um gabarito de até 19 pavimentos (Figura 26), como ocorre, por exemplo, no lote de esquina da Rua Amaro Gomes Poroca com a Rua Francisco Lacerda. Essa Zona representa as áreas que são influenciadas pelos principais corpos hídricos da cidade, no caso o Rio Capibaribe, e tem como objetivo articular os elementos do ambiente do patrimônio cultural e do meio ambiente natural, além de estabelecer um padrão urbanístico sustentável.

Figura 26 - Condições de Ocupação do solo ZDSs

ANEXO VI – PARÂMETROS URBANÍSTICOS DE OCUPAÇÃO DO LOTE (EXCETO CONTRIBUIÇÃO AMBIENTAL)

ZONA	SETORIZAÇÃO	Parâmetros Básicos										Condicionantes de Ocupação				Incentivos Urbanísticos (Melhoria da interface com o Espaço Público)				
		Controle de Adensamento Construtivo e Populacional				Controle da Volumetria						Frontal (8) (7)	Laterais e Fundos (4) (9)	Taxa de Ocupação Máxima (%) (10)	Fruição da Borda D'água (11)	Alargamento da Calçada (Permuta) (12)	Permeabilidade Visual (13)	Fachada Ativa (14) ou Térreo Visível (15) (16)	Térreo Visível (15) (17)	Fruição Pública (18)
		Coeficiente de Aproveitamento (CA)	Cota-Parte (1)	Limitador de Áreas Comuns (2)	Gabaritos (GAB) (3) (4) (5)	básico (m/pav)	máximo (m/pav)	até 8 pav	até 8 pav	até 20 pav	até 20 pav									
ZDS CAPIBARIBE	ZDS Capib. Setor A	0,1	1	N/A	26/16pav	35/11pav		5m	7m	3m	4m	5m	100-TSN	35	obrigatória	obrigatória	obrigatória	condição Gab. Máx. (2) (3)	condição Gab. Máx. (2) (3)	
	ZDS Capib. Setor B				26/16pav	35/11pav				3m	4m	5m	100-TSN	35						
	ZDS Capib. Setor C		2		51/16pav	61/13pav				3m	4m	5m	100-TSN	35						
	ZDS Capib. Setor D		1,5		51/16pav	61/13pav				3m	4m	5m	100-TSN	35						

Fonte: Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo

Já os Parâmetros e Requisitos Especiais para a ZEPH são mais restritivos (Figura 27), reduzindo drasticamente o gabarito como apresenta a LPUOS de Recife, onde o nome da ZEPH é substituída por Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio (ZEPP) e o setor de preservação mais rigorosa é chamada de Setor de Preservação da Significância (SPS):

Figura 27 - Parâmetros Urbanísticos ZEPP

ANEXO V – PARÂMETROS URBANÍSTICOS E REQUISITOS ESPECIAIS PARA ZEPP (ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL)

Item	ZEPP	Categoria	Setorização	Parâmetros Básicos										Requisitos Especiais	Condicionantes de Ocupação, Incentivos Urbanísticos e TCA			
				Controle da Volumetria				Afastamentos Mínimos										
				Gabaritos		Frontal (m)		Laterais e Fundos (m)		edif ≤ 24 metros	edif > 24 metros	Alt	Alt					
7	ZEPP Várzea	Conjunto		SPS	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	G, H, J, K, N, O	Análise especial			
				SPA-1	ZDS Capibaribe Setor C	24	33	5	7	3	3	Alt(n-4)*0,25	N/A	-	ZDS Capibaribe Setor C			
7	ZEPP Várzea	Conjunto		SPA-2	ZDS Capibaribe Setor C	7	12	5	N/A	3	N/A	N/A	N/A	C	ZDS Capibaribe Setor C			

Fonte: Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo

Dessa forma, percebe-se uma margem abrupta entre os limites de uma zona de proteção rigorosa para uma zona de desenvolvimento sustentável, levando em consideração seus padrões e leis de uso e ocupação. O sítio histórico demarcado pelo eixo que vai do educandário até a Paróquia Nossa Senhora do Rosário é interrompido, criando imóveis isolados, assim como a própria ZEPH da Várzea, que se encontra também isolada, o que a torna rodeada e pressionada pelo mercado imobiliário: “A Valorização do monumento tombado isoladamente é problema dos mais complexos, e diz respeito às suas relações com o meio envolvente, sobretudo quando situado fora de conjunto protegido por lei” (Leal, 1977, p. 156).

Assim, revela-se uma falha na jurisprudência do Plano Diretor, na intenção de preservar a paisagem do sítio histórico, pois com a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS) atual, surgem intervenções que ameaçam a integridade histórica da paisagem:

Com o estabelecimento de áreas *non aedificandi* e com gabaritos predeterminados para construção a serem realizadas procura-se valorizar o monumento e garantir a sua visibilidade, no sentido amplo do termo. Mas, nem sempre essas precauções são por si só suficientes, uma vez que as características construtivas dos edifícios novos possam ser agressivas aos monumentos tombados (Leal, 1977, p. 157)

Por fim, analisando criticamente toda a situação legislativa da área, percebe-se que deveria ser considerado, também, fatores como tipologia e morfologia urbana para que as novas edificações não agridam, os valores históricos, culturais, estéticos e ambientais que permitem e favorecem a permeabilidade visual do sítio histórico descortinando a visibilidade e, consequentemente, a paisagem local.

2.4. LEITURA DA PAISAGEM DO LUGAR

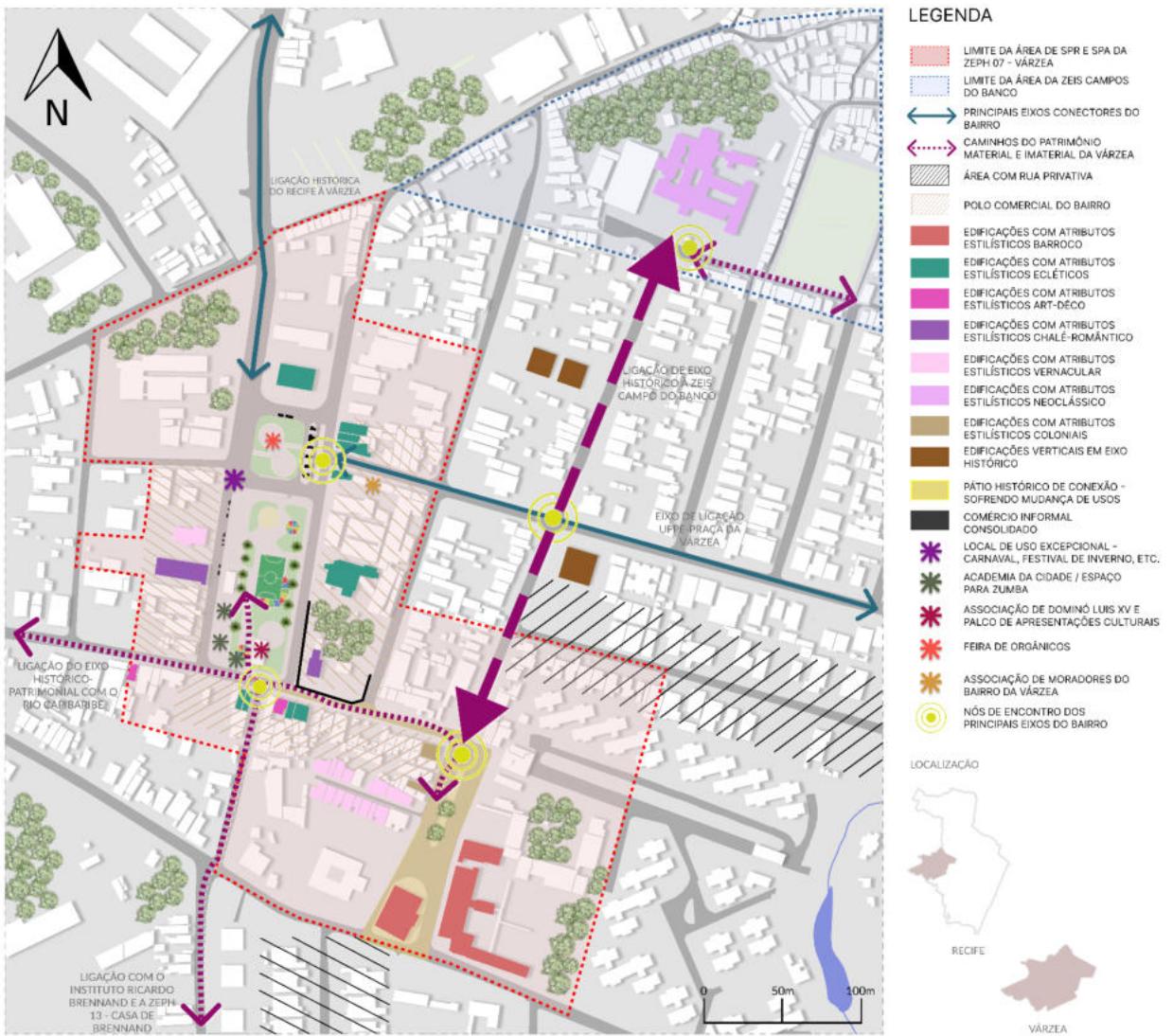
O conceito de paisagem permeia a noção de que o homem está posto em um meio físico - natural ou construído -, no qual irá se desenvolver relações entre os objetos (homem e espaço) presentes no ambiente, afinal “a paisagem é a transformação da natureza pela mão do homem” (Berjman 2001, p. 2). Essa relação ocorre por meio da observação - por meio do olhar humano - dos componentes materiais que formam determinado ambiente, a exemplo de edificações, espaços abertos, vegetação, corpos d’água, etc., bem como de relações dinâmicas, presentes no cotidiano de uma cidade/espaço que representam a cultura de um local, sendo um patrimônio imaterial de determinada paisagem.

“As paisagens do cotidiano são aquelas que vivenciamos por mais tempo, porque nos acompanham ao longo da vida. Podem não ter o mesmo prestígio que as paisagens reconhecidas por todos como belas, no entanto, **são paisagens humanas**,

ricas de afetos e sentimentos conferidos por nós mesmos. Nelas, estão as feiras de rua que nos atraem com suas cores e seus sabores, e até mesmo o trânsito caótico que nos prende e assusta. Essas paisagens fazem parte das nossas memórias e podem estar associadas a experiências positivas, como as recordações das aventuras com os amigos de infância ou das viagens de férias em família [...].” (Laboratório da Paisagem, 2021, grifo nosso)

Entendendo-se que a paisagem é composta por bens construídos culturais e bens naturais percebe-se que na dinâmica paisagística da Várzea há uma simbiose entre essas duas esferas, a material e a imaterial. As edificações presentes no entorno da Zona Especial de Preservação Histórica-Cultural (ZEPH - 07) da Praça da Várzea, destacadas no mapa síntese de leitura socioespacial abaixo (Figura 28), são expressões da paisagem varzeana, pois contam a história da ocupação do bairro através de sua materialidade e de suas fachadas com atributos estilísticos arquitetônicos diversos. Essas construções rememoram o que já foi o bairro e ajudam a construir a identidade dessa localidade, afinal a “identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual e coletiva” (Le Goff, 1997 apud Pelegrini, 2006, p. 117). Além de edificações históricas, a morfologia urbana do bairro se apresenta como um componente paisagístico único, uma vez que a ocupação das habitações, predominantemente com tipologias unifamiliares de até dois pavimentos, dão à dinâmica da paisagem da Várzea ares bucólicos que classificam o bairro como um pedaço interiorano dentro de uma metrópole nacional.

Figura 28 - Mapa Síntese de Leitura Socioespacial do Bairro da Várzea



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

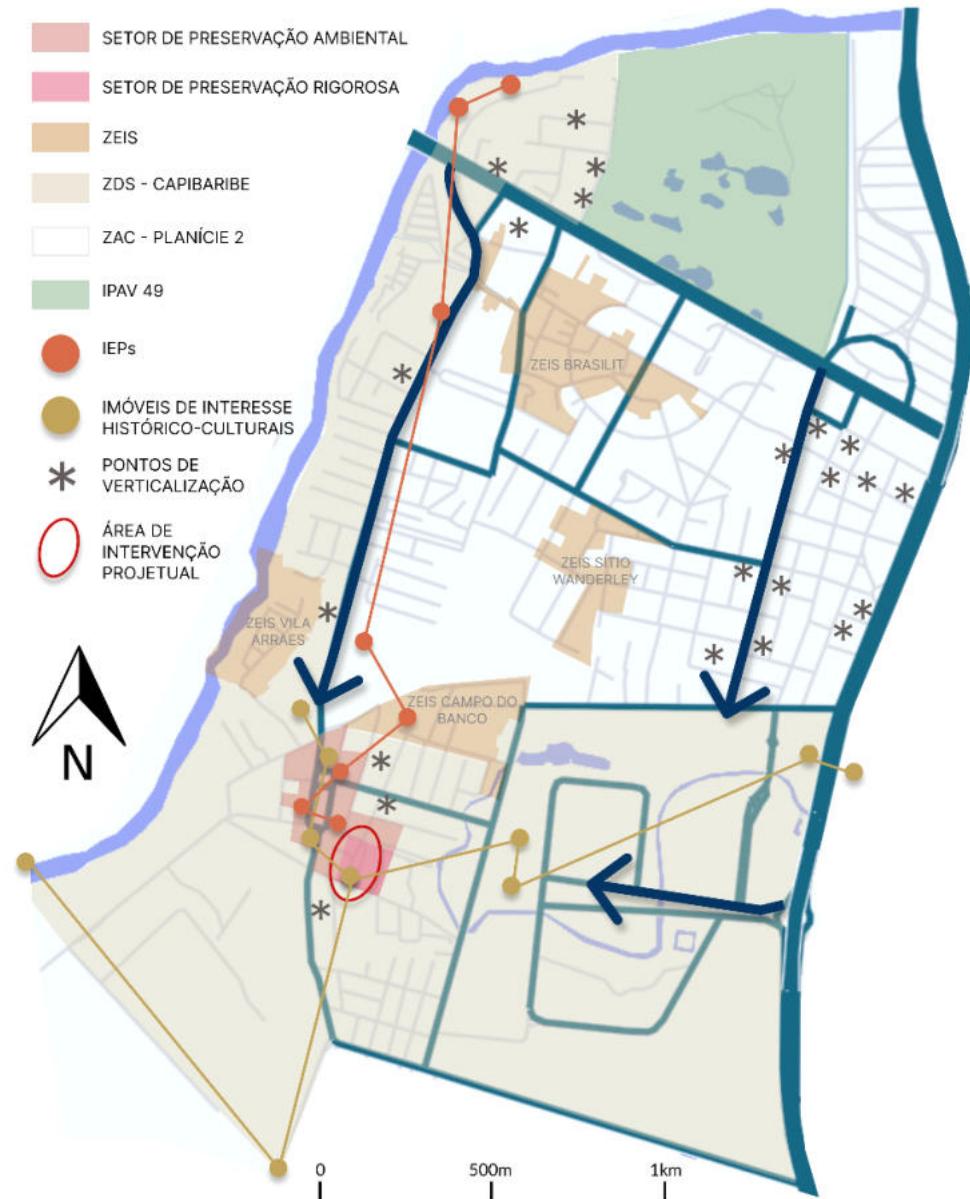
Os espaços livres públicos da região, por seu processo de ocupação histórica e sua estrutura em relação ao seu desenho urbano, também se manifestam como elementos que remetem a ares interioranos. A presença do pátio da igreja, como ambiente de centralidade, onde a vida da cidade - aqui neste bairro - acontece ao seu redor, com comércios e uma interligação com a praça pública (a Praça Pinto Dâmaso), denota o ar intimista da localidade e confere particularidades patrimoniais na paisagem, que remontam à ocupação colonial portuguesa no Brasil. Diferente da colonização espanhola, o desenho português apresenta princípios norteadores semelhantes, como formação de núcleos urbanos a partir de uma Matriz, com pátios, desenho das quadras que se conectam à Igreja - neste caso, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário - e proximidades de cursos d'água, aqui aludindo-se ao riacho Cavouco que corta o bairro de modo sinuoso integrando as áreas ocupadas (Bonduki, 2012).

A individualidade do bairro não é meramente composta por objetos arquitetônicos e urbanos, mas também por manifestações artísticas e pela apropriação cotidiana do espaço público por parte da população local, concentrada principalmente no eixo comercial ao redor dos SPA e SPR. A compreensão da Várzea perpassa pelo entendimento de que há certos movimentos sociais e usos que são típicos da localidade e contribuem para a noção de singularidade bucólica do bairro na dinâmica urbana da cidade e entendendo-se que “[...] os bens culturais são preservados em função dos sentidos que despertam e dos vínculos que mantêm com as identidades culturais.” (Pelegrini, 2006, p. 116).

A ocupação do Pátio da Igreja com manifestações religiosas, da área do Campo do Banco por partidas de futebol, da Praça da Várzea por grupos diversos, com crianças no playground, adolescentes na quadra poliesportiva, adultos usando a academia da cidade para atividade física e para a prática de danças tipo “zumba” e idosos que utilizam a associação de dominó, demonstrando que usos corriqueiros contribuem para a apropriação social do espaço. Além da ocupação coletiva dos espaços públicos mais proeminentes na área - a Praça, o Pátio e o Campo do Banco -, é o uso do logradouro público que se destaca, uma vez que há sempre a presença dos moradores com cadeiras nas calçadas para passar a tarde, o que marcam a paisagem da Várzea como local singular de forte apelo comunitário, digno de ser conservado.

Movimentos recentes de verticalização imobiliária, entretanto, vêm mudando a paisagem varzeana e o perfil socioeconômico dos residentes. Como pode ser analisado no diagrama da macrozona de estudo (Figura 29), às margens dos setores de preservação (SPA e SPR) e das ZEIS (Campo do Banco, Vila Arraes e Sítio Wanderley, principalmente) empreendimentos imobiliários de torres com mais de 20 pavimentos vem se adensando no bairro. Com menor intensidade, mas bastante significativo esse processo vem ocorrendo na Rua Amaro Gomes Poroca e na Av. Afonso Olindense, e de forma mais numerosa na Rua General Polidoro e nas proximidades com a BR-101. Isso tudo devido a permissividade do Plano Diretor do Recife, no qual permite o coeficiente de aproveitamento 4 para as regiões lindeiras às zonas de preservação citadas.

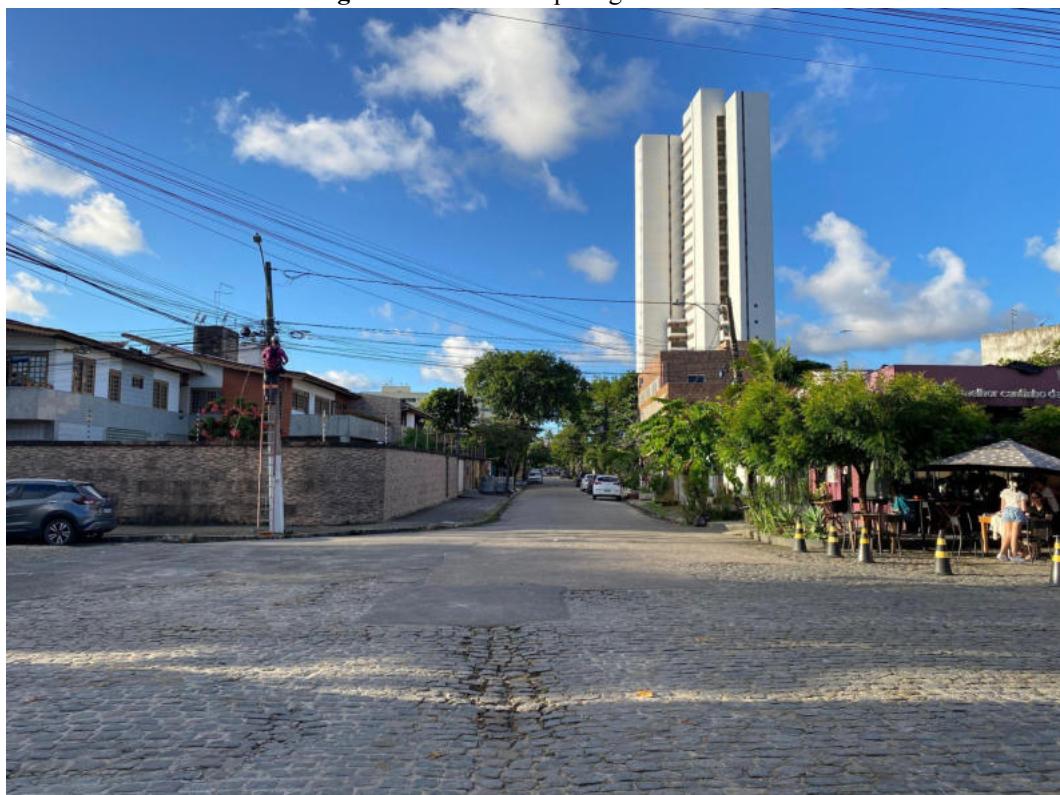
Figura 29 - Diagrama da macrozona de estudo



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A mudança da ambiência da paisagem local ameaça a originalidade e autenticidade do patrimônio histórico construído e imaterial da Várzea, promovendo uma mudança de perfil e de vizinhança que vem “esmagando” as construções precedentes ou pré existentes, uma vez que alteram a dinâmica cotidiana, e a linha de paisagem específica do bairro, marcada pela horizontalidade. Em conjunto com as novas torres residenciais, empreendimentos comerciais de bares e restaurantes, que se concentram, por exemplo, no pátio da Igreja do Rosário, “gourmetizam” o bairro e dão ares boêmios a paisagem até então bucólica e pacata (Figura 30).

Figura 30 - A “nova” paisagem varzeana



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A cidade não é um espaço homogêneo, já que “a cidade é uma soma ou uma combinatoria de elementos” (Lefebvre, 2001 apud Lacerda; Leitão; Queiroz, 2010, p. 111) que compõe a paisagem urbana. Algumas áreas com características singulares, que a fazem se distinguir da estrutura citadina, podem ser denominadas de Unidades de Paisagem, entendendo-se unidade de paisagem como locais com algum tipo de similaridades urbanas, seja por seus usos, gabaritos ou tipologias arquitetônicas. Logo, o movimento de renovação da morfologia da Várzea, faz com que uma unidade de paisagem, antes íntegra em todos seus limites, sofra com o descontinuamento de sua estrutura, formando várias unidades - distintas e conflitantes entre si - dentro de poucos metros.

Parte dos conflitos socioespaciais do bairro, e as mudanças da configuração espacial urbana nos últimos anos, estão relacionados a conflitos físicos espaciais e de uso e atividades urbanas diversas. Há uma certa dificuldade de acesso ao bairro e especificamente à área de intervenção estudada principalmente no que se refere a precariedade das calçadas e o intenso uso e atividades do comércio informal de modo desordenado que comprometem de certa forma a circulação dos transeuntes nas mesmas. Além disso, também comprometem a paisagem local descaracterizando os valores histórico-culturais do sítio patrimonial ali existente. Daí a necessidade de ordenar esses usos e atividades, bem como qualificar os

acessos para potencializar e evidenciar esses valores patrimoniais resgatando a história dessa paisagem.

Outro elemento essencial para a compreensão da paisagem do lugar, mas parece esquecido pelos passantes e pelo poder público é a presença do rio Capibaribe. Rio esse tão importante para a formação da identidade e cultura pernambucana, destacada na literatura por João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira, que chega ao Recife pelo bairro da Várzea e que é escondido por ocupações ribeirinhas precárias e por questões ambientais de insalubridade, com despejo de esgotamento em suas águas. Em todo o perímetro do bairro não se identificam áreas livres voltadas para a contemplação do rio que conta a história da ocupação do lugar, antes saudado como balneário da elite local e importante canal de escoamento fluvial.

Como curso d’água destaca-se também o Riacho do Cavouco que têm sua nascente no bairro da Várzea, mais especificamente dentro do perímetro da UFPE, o chamado “Laguinho”, muito conhecido não somente pelos estudantes da Universidade, mas também pelos moradores do bairro que o frequentam, o que marca bastante a paisagem do local. O riacho transpassa os limites da Universidade avançando pelas quadras e ruas do bairro, e em alguns trechos por entre as edificações, dando a volta em serpentina e novamente retorna para dentro da área da UFPE. Segue seu fluxo através dos bairros da Iputinga e Cordeiro, e por fim deságua no Rio Capibaribe, nas proximidades do Parque do Caiara, no bairro da Iputinga. (Figura 31)

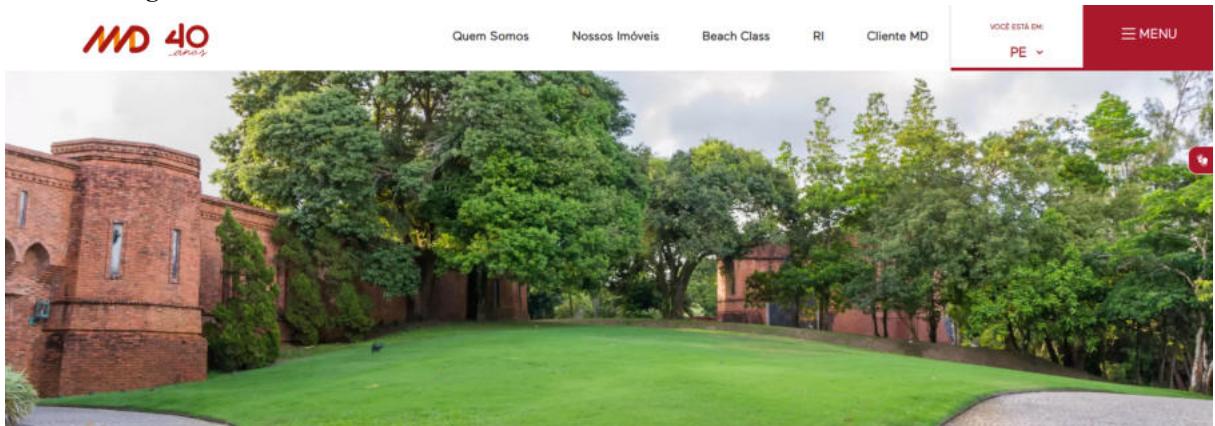
Figura 31 - Percurso do Riacho do Cavouco pelos bairros do Recife



Fonte: Observatório de Saneamento Ambiental do Recife, 2019.

Quando se pensa nos atrativos culturais da Várzea, o que se destacam são os vistos a partir do olhar de fora do bairro, destacando-se a presença do Instituto Ricardo Brennand (IRB) - que também está presente em uma ZEPH, sendo reconhecido hoje como principal ponto turístico. O IRB é uma instituição importante que estimula a comercialização do bairro para novos empreendimentos (Figura 32), mas também compõe um ambiente integrador entre o construído e o natural que agrega à paisagem varzeana, por seu acervo cultural, botânico e por estar incluso no circuito de Jardins projetados por Roberto Burle Marx. Outros movimentos culturais que ocorrem de maneira excepcional e temporária, como o polo carnavalesco da Várzea, o Festival de Inverno e o polo de Festas Juninas, contribuem para a valorização do patrimônio cultural e imaterial do bairro, que formam sua paisagem e dão relevância a Várzea para o Recife.

Figura 32 - Publicidade sobre o morar na Várzea destacando o Instituto Ricardo Brennand



Bairro da Várzea: a tradição de morar bem

Fonte: Moura Dubeux, 2022.

Para Josep Ballart Hernández, o turismo cultural deve ser incentivado junto com políticas de colaboração entre a esfera pública e privada que fomentem o comércio de produtos e ações culturais para desenvolver socialmente e economicamente o patrimônio material e imaterial ibero-americano (Pelegrini, 2006, p. 123). Isso porque o turismo por si só não garante a vitalidade do patrimônio, ele deve ser combinado com políticas que incluemativamente a população local, residente, na construção de suas dinâmicas e de seus circuitos, garantindo que não haja a expulsão dos seus moradores de seu lugar e de sua paisagem afetiva.

É a partir de características ou componentes como: vegetação nos espaços livres públicos, corpos d'água, conjuntos edificados de grande significância e apropriação do espaço público pela comunidade que se baseiam as propostas de intervenções para projetos paisagísticos e urbanísticos. Entendendo-se que a paisagem de uma região pode ser lida por meio da arte, da natureza, da cultura e da experiência (as portas da paisagem de Besse), e daí chega-se a um projeto que valorize e revela os diversos valores paisagísticos de uma localidade, já que “A invenção revela o que já estava aí, ela revela e desvenda um novo plano de realidade. Mas não teríamos visto essa realidade se não tivesse sido desenhada e pensada” (BESSE, 2014, p. 61-62).

03. ABORDAGEM TEÓRICO- CONCEITUAL

Para a leitura da paisagem da área visando uma intervenção projetual, optou-se por tomar como referência os autores Jean Marc Besse, com seu livro “O gosto do mundo. Exercícios de paisagem”; Kevin Lynch, com o livro “A imagem da cidade”; Gordon Cullen, com o livro “Paisagem Urbana”; Jane Jacobs, com seu livro “Morte e vida de grandes cidades”; Jan Gehl, com seu livro “Cidades Para Pessoas”; Ana Rita de Sá Carneiro, com “Espaços livres do Recife”; e a Raquel Tardin, com “Espaços livres: Sistema e Projeto Territorial”. Todos esses olhares se debruçam no conteúdo das abordagens e no objeto de intervenção aqui em análise - a paisagem do bairro da Várzea, vista a partir de um fragmento urbano do bairro - pátio da Igreja N. Sra. do Rosário.

Esses autores fizeram um estudo crítico das cidades modernistas e contemporâneas, tendo as duas últimas realizado análises da cidade do Recife-PE e do Rio de Janeiro, respectivamente, analisando aspectos paisagísticos, urbanísticos e arquitetônicos das cidades por meio da experiência humana no espaço, enfatizando-se a dimensão visual e do ponto de vista do transeunte ou morador. Portanto, faz-se importante entender suas investigações acerca das cidades para analisar criticamente o recorte de estudo referente ao bairro da Várzea.

3.1. A VISÃO DE JEAN MARC BESSE EM “O GOSTO DO MUNDO. EXERCÍCIOS DE PAISAGEM” (2014)

Jean Marc Besse é um filósofo francês, nascido no ano de 1956, grande estudioso da trajetória histórica das representações e das práticas relacionadas à teoria do espaço e da paisagem, bem como a epistemologia do saber geográfico nos períodos moderno e contemporâneo.

Falando mais especificamente da obra “O gosto do mundo. Exercícios de paisagem”, ela possui cinco capítulos “As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas”; “Geografias aéreas”; “A paisagem, entre a política e o vernacular”; “Cartografar, construir, inventar – notas para uma epistemologia do encaminhamento do projeto” e, por fim, “Paisagem, hodologia, psicogeografia”.

Para este presente trabalho, todavia, está sendo evidenciado o primeiro deles no qual são apresentadas “as cinco portas da paisagem”, como assim chama Besse, já mencionadas no capítulo anterior, como forma de problematizar o conceito de paisagem no mundo contemporâneo em suas diferentes linhas de estudo. Afinal como ele mesmo fala no livro:

Sabemos que a paisagem é um objeto não apenas para o paisagista, o arquiteto ou o jardineiro, mas também para a sociologia, a antropologia, a geografia, a ecologia, a teoria literária, a filosofia etc. E nada garante que essas diversas disciplinas, quando confrontadas à questão da paisagem, pensem na mesma coisa e mobilizem as mesmas referências intelectuais. (BESSE, 2014, p.11)

Dessa maneira, as cinco portas são intituladas por: “A paisagem é uma representação cultural e social”, “A paisagem é um território fabricado e habitado (leitura de John Brinckerhoff Jackson)”, “A paisagem e o meio ambiente material e vivo das sociedades humanas”, “A paisagem é uma experiência fenomenológica” e “A paisagem como projeto”.

Na primeira porta, a paisagem como representação cultural e social, ele aborda o conceito de paisagem como esta sendo uma construção simbólica do olhar humano e da forma como o mesmo e a comunidade que está inserida “pensam dela, ao que percebem dela e ao que dizem dela” (BESSE, 2014, p.13). Sendo assim, a paisagem é entendida como um conjunto de símbolos, imagens e narrativas, refletindo as formas como diferentes culturas vêem e interpretam o mundo ao seu redor, sendo necessário portanto considerar a interpretação da paisagem um tanto quanto subjetiva e diretamente ligada à expressão humana, assim como funciona, por exemplo, com as obras de arte.

Atrelado a isso, ele faz esse paralelo muito claro da criação de paisagem no território urbano e na arte como um todo, abordando, inclusive, o fato de que esse conceito chave (a paisagem) muito antes de ter sido estudado como é hoje nos seus diferentes campos de estudo e pesquisa, era conceituado principalmente dentro do campo da representação artística em si:

A invenção histórica da paisagem foi relacionada com a invenção do quadro em pintura, no Renascimento, mas também, no próprio quadro, com a invenção da “janela”: a paisagem seria, portanto, o mundo tal como é visto desde uma janela, seja essa janela apenas parte do quadro, ou confundida com o próprio quadro como um todo. A paisagem seria uma vista emoldurada e, em todo caso, uma invenção artística. (BESSE, 2014, p.15)

Na segunda porta, intitulada “A paisagem é um território fabricado e habitado (leitura de John Brinckerhoff Jackson)”, na qual é evidenciada a paisagem “como um território produzido e praticado pelas sociedades humanas, por motivos que são, ao mesmo tempo, econômicos, políticos e culturais.” (BESSE, 2014, p. 27). No que se destaca da produção cultural, ponto chave na perspectiva dessa porta, é importante ressaltar que a mesma está mais vinculada a parte construtiva e material da cidade, atrelada “também pelo modo como satisfazem algumas necessidades ‘existenciais’ do ser humano (necessidades existenciais, aliás, que são, sobretudo, necessidades afetivas e sociais).” (BESSE, 2014, p. 29).

A compreensão da paisagem como meio ambiente material e vivo das sociedades humanas permite associar os elementos naturais e sociais como partes integradas de um mesmo sistema dinâmico. Essa abordagem, alinhada à Carta da Paisagem das Américas (2018) e à Convenção Europeia da Paisagem (2000), reconhece a interação contínua entre os fatores humanos e naturais, considerando o ser humano como parte do todo vivo. Besse (2014) aprofunda essa visão ao propor que a paisagem seja entendida como uma articulação

entre natureza e sociedade, reunindo dados naturais e projetos humanos em uma realidade sintética. Para isso, retoma o conceito de ecúmeno, tradicionalmente usado na geografia para distinguir as áreas habitadas das não habitadas, mas que, com a expansão territorial e as transformações modernas, passou a abranger praticamente toda a superfície terrestre. Dentro dessa perspectiva, chamada de “realista”, a paisagem ultrapassa as interpretações subjetivas e passa a ser compreendida como um conjunto articulado de elementos materiais, como é o caso do clima, do relevo, da vegetação, da ocupação humana e suas infraestruturas, que constituem uma totalidade viva, evolutiva e com temporalidade própria (BESSE, 2014).

A porta “A paisagem é uma experiência fenomenológica” propõe compreender a paisagem não como um objeto externo a ser captado ou representado, mas como uma vivência sensível e subjetiva do mundo. Nessa abordagem, desenvolvida por Besse (2014), a paisagem emerge da relação entre o corpo e o ambiente, a partir da experiência direta com as formas, texturas, sons e espacialidades do entorno. É um modo de estar no mundo, em que o sujeito é afetado pelo que o rodeia de forma concreta e sensorial. A caminhada, por exemplo, é citada como expressão desse contato, pois nela o corpo se torna receptivo às manifestações do espaço e do tempo. Assim, a paisagem não é algo fixo ou objetivável, mas sim um acontecimento único, um evento que se dá na abertura do sujeito ao mundo. Nesse sentido, só pode ser sugerida ou evocada por meio da arte, não como reprodução literal do espaço, mas como forma de tornar sensível o que escapa à percepção direta - aquilo que é invisível aos olhos, mas presente na experiência (BESSE, 2014).

Na quinta e última porta apresentada por Besse (2014), a paisagem é compreendida como projeto, ou seja, como um campo de intervenção prática e reflexiva, especialmente por parte de arquitetos e paisagistas. No entanto, para que essa atuação seja significativa, ela exige um entendimento prévio das diversas camadas que constituem a paisagem: o território, o meio vivo e o solo. Esses três níveis correspondem às outras portas: o solo carrega as marcas do tempo e da memória, como um palimpsesto; o território exige a consideração das escalas e impactos sistêmicos da intervenção; e o meio vivo convoca a reflexão sobre a sustentabilidade e as relações com o ambiente natural. Além disso, o ato de caminhar, frequentemente abordado por Besse, aparece aqui como uma metáfora crítica e ativa de projeto, pois não se trata apenas de deslocar-se fisicamente, mas de experimentar o mundo, questioná-lo e transformá-lo. Assim, o projeto de paisagem é visto como uma prática que retoma essa experiência sensível e reflexiva, promovendo novas qualidades ao espaço. Nesse contexto, o foco desloca-se da edificação em si para o seu entorno, suas conexões e seu contexto, palavra essa que, não por acaso, vem do latim *contextus*, e que significa “tecer com”. Projetar a

paisagem, portanto, é entrelaçar natureza, história e espaço vivido em uma ação consciente e situada (BESSE, 2014).

3.2. KEVIN LYNCH E SUA TRADUÇÃO DA “A IMAGEM DA CIDADE” (2011)

Kevin Lynch (1918-1984), foi um urbanista, professor e escritor responsável pelo desenvolvimento do livro “A imagem da cidade” (1960). Tal livro foi produto de um estudo realizado por Gyorgy Kepes, What Time is This Place, que consistia em analisar como os indivíduos percebem e ordenam informações sobre a imagem do meio ambiente que estão inseridos. Lynch destaca que a imagem que criamos é composta por um conjunto de elementos, neste caso a análise seria delimitada aos “elementos físicos perceptíveis”, mas “há também outros factores influenciadores da imagem, tais como o significado social e uma área, a sua função, a sua história ou, até, seu nome” (Lynch, 1960. p. 57)

Em seu texto, Lynch destaca que a imagem da cidade é construída com base em uma série de elementos e que nenhum deles existe de maneira isolada. Na realidade, eles se interligam em diversas situações do cotidiano humano e resultam na formação da imagem. Alguns desses elementos citados nos textos são: limites, cruzamentos e pontos marcantes. Sendo esses os mais relevantes para esta análise sobre o bairro da Várzea.

Limites ↗ “São fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade, costas marinhas ou fluviais, cortes do caminho-de-ferro, paredes, locais de desenvolvimento” (Lynch, 1960, p.58). Os limites se caracterizam como referências secundárias, menos importantes que as vias, mas, ainda assim, um relevante elemento de organização das cidades. Kevin Lynch destaca esse componente da malha urbana como característica típica do ambiente em que é situado, contribuindo para a sua fragmentação. Tal elemento não deve ser, necessariamente, uma barreira impenetrável, muitos limites são mais uma costura que dá ideia de unidade do que, de fato, uma barreira isoladora. O autor também salienta a amplitude que a definição de “limites” pode tomar, como exemplo, pode-se citar a capacidade de um limite assumir feição de rua, incluindo algumas características desse elemento, como a possibilidade de possuir limiares direcionais.

Cruzamentos↗ são pontos ou locais estratégicos das cidades em que é possível ao observador entrar, podem ser esquinas ou um entrecruzar de vias, mas eles não se limitam a pequenos espaços. Lynch comenta que os cruzamentos podem se apresentar como “figuras lineares de certo modo extensas, ou até toda a área de um bairro central” (Lynch, 1960, p.84). Ao nos deparamos em um ponto de interferência, ou seja, com diferentes fluxos de pessoas e

veículos, é normal aumentarmos nossa atenção para o local, dessa forma, podemos compreender que a importância espacial dos cruzamentos se dão por sua localização.

Pontos Marcantes → Caracterizam-se por serem pontos de referência externos ao observador. Esses podem assumir forma de edifícios, sinais, lojas ou montanhas, podendo ser pontos próximos ou distantes da visão do observado. São elementos que possuem alta distinção em relação ao meio em que está inserido, podendo ser localizados dentro do ambiente urbano ou a uma certa distância da visão do observador, funcionando, nesse caso, como símbolo de direção. Para este último, Lynch cita como exemplo colinas extensas e, até mesmo, o Sol, provando que os pontos focais podem ser naturais ou construídos pelo homem. Tais pontos são, usualmente, tomados como característica identitária e de estrutura de determinado local, assumindo um maior significado a depender da familiaridade do observador com o lugar e da circunstância em que são observados. Sendo assim, um elemento importantíssimo na construção da imagem da cidade e na experiência do cidadão ao caminhar sobre ela.

Atrelado ao último conceito, pode-se destacar exemplos de pontos marcantes no próprio objeto de estudo com ambos os cafés e a própria Igreja, além de também citar nos entornos imediatos, a Praça da Várzea, onde todos esses terminam servindo de referência para locomoção na várzea e ajuda na construção da imagem dessa localidade na mente dos observadores, como uma característica identitária.

3.3. COMO GORDON CULLEN VER A “PAISAGEM URBANA” (2008)

Gordon Cullen (1914-1994), foi um grande arquiteto, ilustrador e diretor artístico que ficou conhecido devido aos seus incríveis desenhos, artigos sobre projetos urbanos e por atuar em vários planos de reconstrução e reabilitação de Liverpool e Petersburgo. Gordon teve grande influência no planejamento urbano ao desenvolver o termo de “paisagem urbana”, que, futuramente, seria o título de uma de suas obras. Nesse livro, escrito em 1961, o autor relata na sua introdução que:

O propósito deste livro é mostrar que assim como uma reunião de pessoas cria um excedente de atracções para toda coletividade, também um conjunto de edifícios adquire um poder de atracção visual a que dificilmente poderá almejar um edifício isolado. (Cullen, 1961, p. 9).

Com base nesse objetivo, Cullen trata de vários assuntos pertinentes ao meio urbano e como ele se comporta na perspectiva do transeunte na cidade. Para o autor, a forma como as construções se organizam no espaço podem atrair ou afastar as pessoas desses lugares, o que

torna o impacto visual imprescindível para a construção de uma cidade atrativa. Ele levanta que, antes de tudo, uma cidade deve possuir sua individualidade para que não se torne monótona e, consequentemente, um “fracasso”.

Dessa forma, buscando construir a identidade da cidade, é necessário que haja elementos que disputem a atenção dos indivíduos, para que se crie emoção e interesse ao transitar pelas ruas. Elementos esses que podem tomar proporções de “grandezza” e “monumentalidade”, o primeiro refere-se a escala dos componentes citadinos em si, já o segundo tem um destaque arquitetônico ou urbanístico para uma localidade, é uma área de referência e destaque. Atrelado a este último, pode-se destacar a Igreja do Rosário como sendo uma construção que se enquadra nesse conceito, uma vez que apresenta essa evidência arquitetônica no meio em que está inserida, além de possuir uma importância histórica para a região e ser uma área reconhecida pelos moradores.

Esses ambientes construtivos despertam emoções que podem, ou não, ser relacionadas com a vontade dos sujeitos e isso se manifesta por meio de três aspectos que tornam possível analisar a atratividade da cidade.

Primeiramente, Cullen aborda a questão da “óptica” através da “visão serial”, essa visão seria constituída por meio de uma sucessão de surpresas ao se olhar a cidade. Essa sequência de surpresas, possibilitada por diferentes elementos que rodeiam a visão do indivíduo que transita, criam ruas mais interessantes para o observador, tornando as vias menos monótonas e de características particulares. É importante ressaltar que a visão serial, obtida através do andar pelas ruas de uma localidade, é realizada a partir de uma olhar crítico, como define o autor, daquilo que nos rodeia.

Outro ponto abordado é o de “conteúdo”, em que é estudado a forma da cidade, suas cores, texturas distintas, escalas das construções, ou seja, a identidade que a cidade demonstra e é responsável por diferenciá-la das outras. Cullen traz ao fim de sua discussão, a importância de termos diferentes aspectos nas cidades para que essas não se tornem tediosas e sigam apenas o convencionalismo, sem demonstrar “vida própria”, destaque que só pertencem a ela. Dessa forma, o visitante que busca uma experiência diferenciada e única, poderá obtê-la e, assim, desfrutar das peculiaridades dadas pela cidade.

O pátio, juntamente com as igrejas, são pontos que evidenciam, por exemplo, todos os conceitos de Gordon, uma vez que despertam a curiosidade do transeunte e são um conjunto que desperta certa surpresa no mesmo quando este caminha pela Rua Francisco Lacerda ou mesmo pela Rua Azeredo Coutinho através da visão serial. O “Conteúdo” também se faz

presente nessa área porque há uma tipologia colonial própria que traz um ar "diferente" ao recorte e para o bairro como um todo.

3.4. JANE JACOBS ATESTA “MORTE E VIDA DE GRANDES CIDADES” (2011)

Jane Jacobs (1916-2006) foi uma jornalista e ativista que, ao observar as ruas de seu bairro (Grand Witch Village), em Nova York, se incomodou com a ideia da cidade ser remodelada de acordo com os princípios modernistas, o que mudaria a rotina das pessoas e tiraria a “vida” das ruas. A partir disso, Jane escreveu o livro “Morte e Vida de Grandes Cidades” como uma forma de protestar contra essa reforma, isso mobilizou os moradores, que conseguiram salvar o seu bairro. Atualmente, seu livro é aclamado, sendo citado em várias outras obras de arquitetos e urbanistas famosos e utilizado em instituições de graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Em seu livro, a autora faz uma analogia da cidade comparando a um sistema vivo, no qual as ruas e as calçadas são artérias vitais. Portanto, é fundamental que tenham uma boa organização, infraestrutura e, principalmente, segurança, pois, sem isso, as ruas são menos chamativas e mais temidas, e, consequentemente, menos usadas, tornando-as ainda mais inseguras.

Esse medo, normalmente, torna-se um senso comum entre os cidadãos, que evitam andar pelas ruas sozinhos e criam desconfiança entre a vizinhança. Um exemplo é dado por Jane sobre o chefe da polícia do Estado que censurou quem andasse pelas ruas de noite e sugeriu que não abrisse as portas para desconhecidos. A autora chega a fazer analogia entre a realidade e a vida nas histórias infantis, como a dos três porquinhos e a dos sete anões. Ou seja, o medo tornou-se tão enraizado que acabou se institucionalizando e deixando as ruas mais desertas e inseguras.

A partir disso, foi feita uma análise de quem seria a responsabilidade de promover a segurança das ruas. Por um lado, Jane pontua que essa segurança não tem relação com os grupos marginalizados e pobres, pois há exemplos tanto de lugares seguros quanto de lugares perigosos que são ocupados por essa parcela da população em Nova York, tampouco é inteiramente responsabilidade da polícia civil ou guarda particular manter a ordem, como Jane cita: “Força policial alguma consegue manter a civilidade onde o cumprimento normal e corriqueiro da lei foi rompido” (Jacobs, 1961, p. 32).

Essa responsabilidade, segundo a autora, seria, em boa parte, dos próprios moradores e transeuntes, impondo uma certa vigilância das pessoas sobre as ruas e calçadas. Dessa forma,

a cidade teria que promover condições para que mais pessoas utilizassem as ruas e fazer com que os moradores se aproximassesem mais do seu cotidiano. O primeiro ponto seria delimitar claramente o espaço público do espaço privado. Outro ponto apresentado por Jane seria a questão das ruas “cegas”, onde as casas e edifícios não são voltadas para ela. No lugar em que há muros altos, ruas largas e escuras, o ambiente se torna hostil. Em vez disso, as residências deveriam ter portas e janelas viradas para a rua, normalmente, onde alguns dos moradores passam tempo observando a vida urbana. Mas para que isso aconteça, é necessário que haja movimento na rua, tanto para aumentar o número de pessoas transitando nela quanto para chamar a atenção dos moradores que os observam.

É possível observar que as edificações presentes nos arredores imediatos do pátio da Igreja, por sua vez, são grande parte voltadas para a rua e a movimentam, de forma a inclusive ser uma estratégia de também chamar os transeuntes a conhecer os estabelecimentos, afinal grandes destaques edificados dessa área são justamente os cafés, com suas vitrines e mesas pelas calçadas; o restaurante “Mango”, (Figura 33) que tem uma “varanda” voltada para a rua e também mesinhas pela calçada; e as duas igrejas que possuem grandes aberturas principais logo na entrada, nas quais mesmo quem está passando pela rua, consegue acompanhar o que se passa na área interna das mesmas (Figura 34).

Figura 33 - Restaurante Mango



Fonte: Arquivo Pessoal, 2025.

Figura 34 - Igreja em funcionamento



Fonte: Arquivo Pessoal, 2025.

Apesar disso, é possível observar também a presença de edificações que possuem muros altos e portões que não possuem nenhum tipo de “permeabilidade visual” do espaço interno a partir da visão das pessoas que transitam no espaço público, como pode ser observado em parte do lote da Província dos Padres da Paróquia, onde apesar de uma parte dele ser bastante aberto com um grande jardim que pode ser visto de fora, graças ao muro baixo (Figura 35), existe uma parte considerável do lote que possui um grande muro que “cega” uma parte da rua - o qual pode ser considerado também um limite impenetrável, na teoria de Kevin Lynch, já citado anteriormente (Figura 36).

Figura 35 - Muro baixo da Província dos Padres da Paróquia



Fonte: Google Maps, 2024.

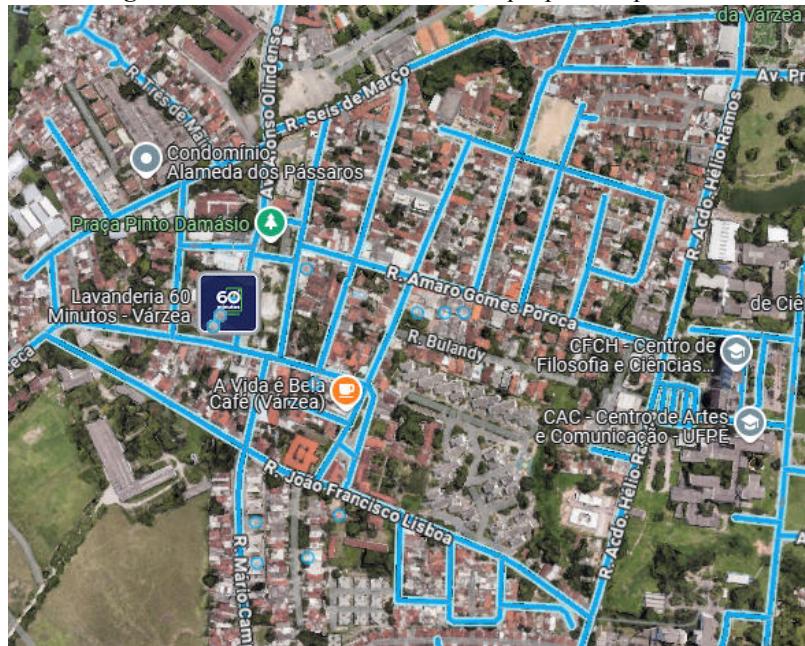
Figura 36 - Grande muro alto da Província dos Padres da Paróquia



Fonte: Arquivo Pessoal, 2025.

Diante disso, para criar um trânsito contínuo de pessoas nas vias urbanas, Jane aborda ao longo de seu livro a importância das cidades criarem quadras curtas para tornarem a cidade mais movimentada, uma vez que caminhos reduzidos atraem os pedestres a andarem nas ruas e, consequentemente, promovem mais segurança. Acrescenta-se, ainda, que quadras reduzidas tornam a imagem do bairro “diferente”, pois proporciona curiosidade e interesse na pessoa que está transitando. É perceptível, todavia, que ao observar a malha urbana do entorno do Pátio (Figura 37), as quadras são consideravelmente longas, dificultando, assim, esse interesse dos pedestres para percorrerem diferentes caminhos, que possibilitam “atalhos” e que permitem uma maior permeabilidade na malha urbana e, consequentemente, um maior movimento nas ruas como um todo.

Figura 37 - Malha Urbana com destaque para as quadras



Fonte: Google Maps, 2025.

A autora também pontua a monotonia das ruas como uma característica deficitária delas, referindo-se a esse problema como a “Grande Praga da Monotonia”. Isso seria um sintoma de que há algum problema na organização da malha urbana, que afasta os pedestres desses ambientes públicos.

No livro, é apresentado um requisito básico para aumentar a quantidade de pessoas e, consequentemente, a vigilância e segurança. Essa seria a quantidade de estabelecimentos comerciais e outros locais públicos ordenados pelas vias das cidades, por exemplo: lojas, bares e restaurantes. Dessa forma, as ruas se tornam mais frequentadas pelas pessoas, pois, assim, teriam mais atividades para realizar nelas. Para estes estabelecimentos atraírem mais civis, eles deveriam ter uma diversidade maior de atividades, pois essas variedades cativam mais pessoas diferentes, que promovem mais civilidade. Com a movimentação promovida por esses lugares de convivência, mais pessoas seriam aproximadas, tendo em vista que a presença de cidadãos atrai outros. Fato esse que pode ser observado, por exemplo, com os pontos comerciais presentes no Pátio, uma vez que esses atraem pessoas de diferentes faixas etárias, como crianças, jovens e adultos, de diferentes locais do bairro e até mesmo da cidade, de modo geral.

3.5. JAN GEHL E A CONSTRUÇÃO DAS “CIDADES PARA PESSOAS” (2013)

Jan Gehl é um arquiteto e urbanista dinamarquês que defende uma análise da cidade por meio da escala do pedestre. Além disso, esse estudo deve ser realizado de maneira interdisciplinar para proporcionar qualidade de vida e tornar as cidades “vivas” e dinâmicas para as pessoas. O olhar pela dimensão humana é para Gehl, assim como para os outros teóricos analisados, um elemento fundamental na compreensão do desenho urbano. Entretanto, ao contrário dos outros autores, ele traz a discussão para o século XXI e busca entender os fenômenos urbanos recentes, como a questão da mobilidade urbana - e humana -, segurança na cidade, dentre outros tópicos.

Em um primeiro momento, Jan deixa de forma bastante clara a importância do andar pela cidade como fator essencial para se dar vida às ruas - e outros espaços citadinos -, bem como fomentar a saúde da população dentro do meio urbano.

Além disso, o autor reforça que a cidade é um ponto de encontro para as pessoas e que é de extrema importância que os indivíduos se comuniquem com outros indivíduos e caminhem pela cidade. Segundo ele, no livro “Cidades Para Pessoas”, “O homem foi criado para caminhar e todos os eventos da vida - grandes e pequenos - ocorrem quando caminhamos entre outras pessoas.” (GEHL, 2010, p. 19)

Ainda para falar sobre a cidade como ponto de encontro, ele mostra que é preciso que os urbanistas incentivem o uso das ruas, praças e calçadas para atividades opcionais e atividades sociais, uma vez que o número de pessoas transitando nas ruas para atividade necessárias se mantém constante tanto em ambientes físicos de baixa qualidade, quanto em ambientes físicos de alta qualidade. Já com essas atividades opcionais e sociais, para que haja um aumento de circulação de pessoas nas áreas, é preciso que haja um ambiente propício à dinâmica social.

Entretanto, analisando o objeto de estudo, é possível perceber que no pátio, apesar de haver os estabelecimentos comerciais e religiosos que atraem transeuntes para o local, como já dito anteriormente, o trânsito de pessoas a pé no local ainda não é abundante, já que a maior parte da via é destinada aos automóveis, mostrando mais uma vez que a escala humana é deixada de lado quando se tem cidades feitas para automóveis. Essa problemática deixa pouco espaço para um ir e vir seguro de pedestres e vai também de encontro ao pensamento de Jane Jacobs quando a autora salienta a importância das calçadas e da presença de pessoas para construção de uma vivência mais segura e dinâmica. Embora, teoricamente, o espaço fosse convidativo ao público, uma vez que apresenta construções únicas na região da várzea, na

prática, é possível observar que isso não acontece, o que o transforma em um lugar, enquanto espaço público, um tanto quanto monótono.

As políticas que visam essa prática social precisam “convidar” a população a usar os espaços públicos, tendo em vista que só assim se alcançará uma via de fato mais segura, através da maior movimentação que se terá e ainda visando uma vida mais saudável não somente à população, como também para o bem-estar da cidade como um todo. Esses ambientes precisam proporcionar atividades variadas, que chamem atenção de diferentes públicos, e sirvam para diferentes ocasiões, sejam elas de lazer ou sejam vias que permitam o trânsito para as atividades essenciais.

Atrelado a isso, destaca-se, por exemplo, a própria Praça da Várzea por ser um ponto de encontro essencial, segundo os moldes de Gehl, para trocas de informações, democratização da informação de fato para pessoas de diferentes realidades. Além disso, uma característica também encontrada no pátio da Igreja é que ambas proporcionam uma interação, ainda que indireta, de “bolhas” completamente contrárias em um mesmo ambiente, sendo assim uma região que promove a dinamicidade para o bairro.

A gama de atividades e atores demonstra as oportunidades do espaço público de reforçar a sustentabilidade social. É significativo que todos os grupos sociais, independente da idade, renda, status, religião ou etnia, possam se encontrar nesses espaços, ao se deslocarem para suas atividades diárias. Essa é uma boa forma de fornecer informação geral para qualquer um sobre a composição e universalidade da sociedade. Além disso, faz com que as pessoas sintam-se mais seguras e confiantes quanto a experimentar os valores humanos comuns reproduzidos em diferentes contextos. (GEHL, 2010, p. 28).

Dessa forma, áreas vivas nas cidades podem ser destacadas pela grande quantidade de estabelecimentos com poucos pavimentos, que influenciam diretamente em uma possível relação do cidadão com a rua, fato esse que pode ser constatado em grande parte do bairro da Várzea. Ainda hoje é possível notar uma característica muito mais intimista e até considerada “interiorana” no bairro, uma vez que muitos moradores, por exemplo, ainda possuem o costume de estarem pelas calçadas sentados conversando com os seus vizinhos.

As áreas de transição suaves - que delimitam bem os espaços públicos e privados, mas tornam essas passagens de um para o outro sutis - também são fortes contribuintes para direcionar as pessoas ao uso das ruas. Por último, regiões comerciais que despertem a curiosidade do transeunte, fazendo-o parar nesses lugares, olhar as vitrines, sentar nos bancos e observar o movimento das ruas são estratégias fundamentais para fomentar a dinamicidade das cidades.

Relacionado diretamente a todos esses pontos já destacados acima, Jan Gehl também aborda a importância da mobilidade urbana mais sustentável, sendo essa o incentivo principal

do uso de ciclofaixas e calçadas pelas pessoas. Isso serve de ponto chave para que haja um maior desenvolvimento econômico do local que está sendo estimulado tal vivência, visto que ali se terá um maior fluxo de pessoas diariamente.

É válido destacar ainda que, apesar das calçadas do pátio de N. Sra. do Rosário da Várzea estarem de certa forma com boas condições de transitá-las, existem ainda ruas nas proximidades do recorte em que as pessoas não têm as devidas condições para estarem caminhando pelas calçadas do bairro, por exemplo, por não haverem calçadas bem estruturadas ou livres de obstáculos (Figura 38).

Figura 38 - Calçadas da Travessa Francisco Lacerda ocupadas por jarros



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Por fim, Jan Gehl destaca justamente o fato de como as ruas são projetadas para automóveis e esquecidas quando se trata dos investimentos para a escala humana. Nas palavras do autor, “o aumento de tráfego de automóveis tirou de cena a vida na cidade ou tornou completamente impossível os deslocamentos a pé.” (GEHL, 2010, p. 26).

3.6. ANA RITA SÁ CARNEIRO E LIANA DE BARROS MESQUITA - “ESPAÇOS LIVRES DO RECIFE” (2000)

Ana Rita é uma arquiteta brasileira, formada pela Universidade Federal de Pernambuco, e tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, é professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU/UFPE e tem seus estudos e pesquisas voltados para a área da Conservação Urbana Integrada e dos jardins históricos, mais especificamente nos estudos dos jardins de Burle Marx, sendo profunda conhecedora e

estudiosa da teoria da paisagem e dos espaços públicos. Liana Mesquita, é também arquiteta e urbanista, com trabalhos relevantes na área de espaços livres públicos no âmbito municipal do Recife e grande estudiosa da ecologia urbana e botânica aplicada ao paisagismo. Juntas, as duas estudaram, definiram e categorizaram os espaços livres do Recife compilados em um livro. O livro é resultado de uma pesquisa realizada pelas autoras que possui o mesmo título da obra em questão e apresenta primeiramente todo um panorama histórico dos verdes urbanos na cidade do Recife-PE e sua influência na formação e transformação da paisagem recifense. Posteriormente, é realizada uma análise dos espaços públicos, nos quais os mesmos são identificados, caracterizados e conceituados e a partir disso é feita uma leitura da cidade através dos seus espaços públicos.

Para a “Classificação dos Espaços Livres do Recife” são apresentadas na obra duas categorias: “os espaços livres públicos” e “os espaços livres potenciais”. O primeiro é subdividido em “espaços livres públicos de equilíbrio ambiental”, nos quais estão englobados e são conceituados: as unidades de conservação, os cemitérios, os campi universitários e os espaços de valorização ambiental; enquanto que nos “espaços livres públicos de recreação”, estão englobados e também são conceituadas: as faixa de praia, os parques, as praças, os pátios, os largos, os jardins e as quadras polivalentes. Já na categoria de “espaços livres potenciais” são classificados: os espaços potenciais de valor paisagístico ambiental, os campos de pelada, os recantos, as margens de rios e canais, e os terrenos vazios.

Dessa forma, dentre as categorias apresentadas e estudadas nesta obra em questão em comparação com os elementos presentes na área do objeto de estudo deste trabalho, percebe-se que o espaço em questão se caracteriza como um “espaço livre público de recreação”, mais especificamente na classificação de pátio:

Pátio: São espaços livres públicos definidos a partir de uma igreja ou outro elemento arquitetônico expressivo, além do casario antigo aos quais dá acesso, quase sempre pavimentados e exercendo a função de respiradouros, de propiciadores do encontro social e eventualmente destinados a atividades lúdicas temporárias. (SÁ CARNEIRO & MESQUITA, 2000, p.29)

No local é possível observar a presença da igreja como marco expressivo arquitetônico, já apresentada e citada anteriormente no presente documento, assim como a presença do casario antigo, tanto nas margens do pátio (como é o caso da edificação que funciona a cafeteria “A vida é bela café”, também já citado anteriormente), como também nas vias dos arredores imediatos (principalmente na Rua Azeredo Coutinho e também nos arredores da Praça da Várzea); é também um espaço pavimentado com paralelepípedo com blocos de pedra natural e exerce sua função de respiradouro. Além disso, também se enquadra

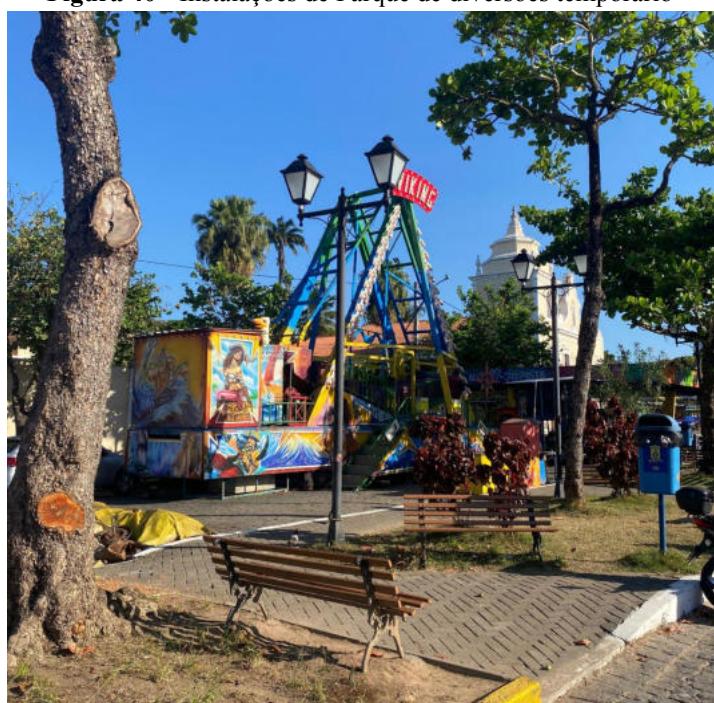
no fato de ser um local de “encontro social e eventualmente destinado a atividades lúdicas temporárias”, como se pode observar nas figuras 39 e 40 nas quais é possível ver, respectivamente, a presença de uma feirinha realizada e a acomodação de um parque de diversões temporário, ambos “eventos” ocorrendo no espaço do pátio.

Figura 39 - Instalação de Feirinha temporária



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 40 - Instalações de Parque de diversões temporário



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

3.7. RAQUEL TARDIN CONSTRUINDO OS “ESPAÇOS LIVRES: SISTEMA E PROJETO TERRITORIAL” (2008)

Raquel Tardin também é uma arquiteta brasileira, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, que possui sua linha de pesquisas na área dos espaços livres, ordenação e projeto da paisagem, alinhando teoria e prática. Em suas pesquisas, busca-se desenvolver estratégias integradas de intervenção, que sirvam de base para a elaboração de planos e projetos urbanos e paisagísticos voltados ao crescimento urbano sustentável.

Nesta obra, que foi elaborada a partir da tese de doutorado de Tardin, entre as várias informações que ela aborda, ela faz um breve apanhado histórico de como a idéia de sistema de espaços livres como diretriz da ordenação do território foi aparecendo, estruturando-se e se transformando ao longo do tempo. Ela aborda e explica o exemplo do “Sistema de Parques Públicos de Boston”, de Frederick Law Olmsted, ainda no século XIX; fala também da proposta de “Cidade-Jardim” de Howard, no momento do crescimento das cidades industriais; já nos tempos do movimento moderno, tem-se a “*Ville Radieuse*”, em 1935, idealizada por Le Corbusier; o “*Copenhagen Figer Plan*”, de 1947, com os “dedos verdes”; entre outros. Ela também afirma que a partir dos anos 70 os grandes pensadores urbanos começaram a introduzir nas discussões em grandes encontros por todo o mundo, as preocupações de fundo mais ecológico e sustentável para os novos planos urbanísticos, mesclando nas novas propostas soluções apresentadas anteriormente nesses grandes planos, como também novas soluções que abarcam os novos questionamentos e, por consequências, novas soluções.

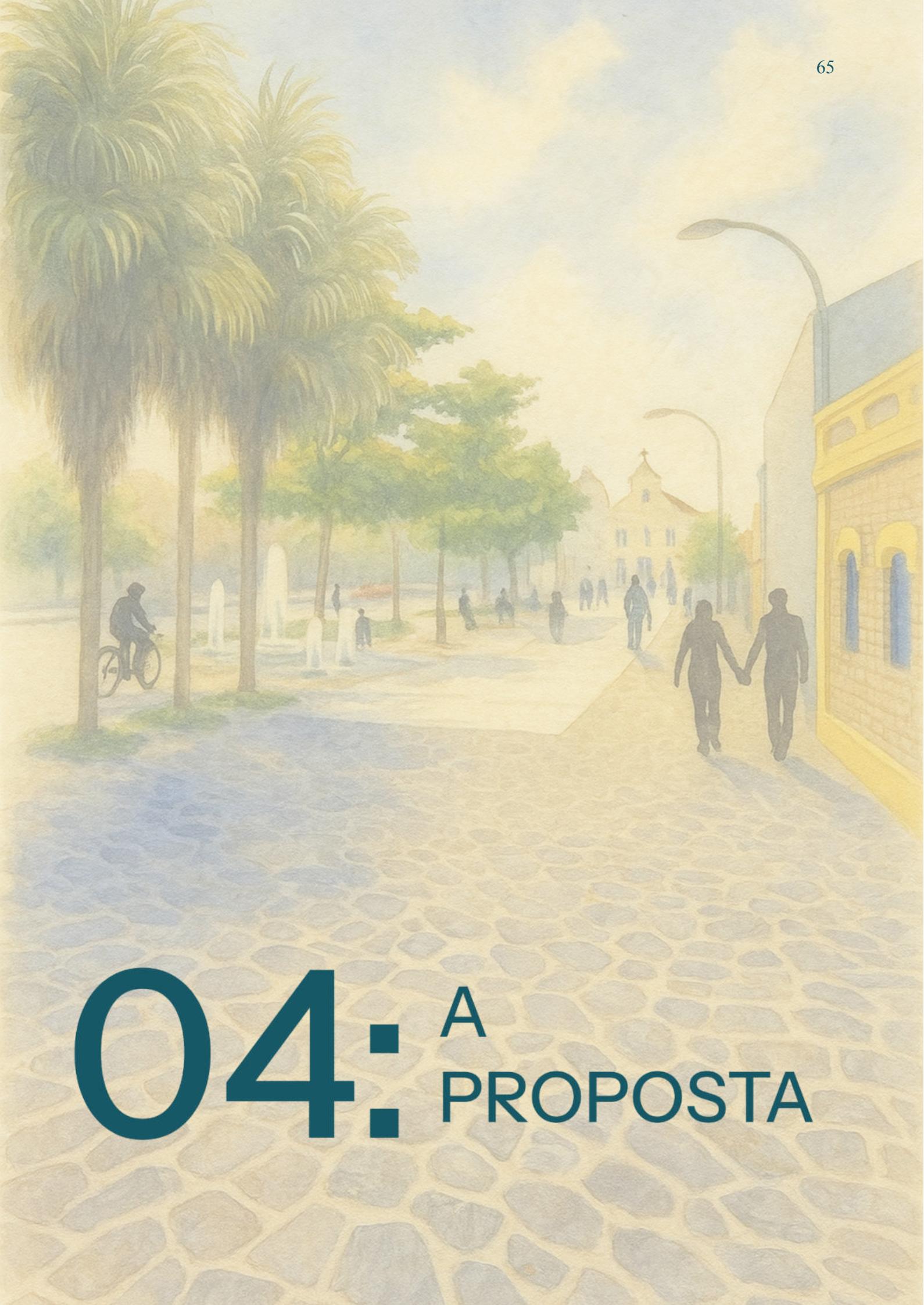
Na abordagem sobre o conceito de sistema de espaços livres em si, Tardin (2008) entende esse sistema como sendo uma junção de elementos que operam em diferentes escalas e que, independentemente dos seus tamanhos, se conectam entre si e com o ambiente ao redor por meio de relações diversas, que são abertas, complexas e constantemente influenciadas umas pelas outras. Ela ainda continua dizendo que o sistema funciona de forma dinâmica, com trocas de influências que vão do interior para o exterior e vice-versa. Além disso, nenhum elemento ou relação se impõe sobre os demais, sendo todos restritos para a estrutura do sistema como um todo, sem que haja uma hierarquia fixa.

Na análise mais atual das situações das cidades contemporâneas, ela traz a crítica de como até os dias de hoje os considerados espaços públicos, muitas vezes, terminam sendo as áreas que “sobram” nos contexto citadino, não sendo esses de fato planejados, nem de forma unitária, e nem, principalmente, de forma sistêmica com os demais espalhados pela cidade, apesar de obterem um papel fundamental no processo de construção da paisagem.

Ao ser questionada uma entrevista (2009) sobre o livro realizada ao “Olhar Virtual”, boletim eletrônico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre a função e importância dos espaços públicos na cidade, Raquel cita quatro delas: urbana, social e cultural, perceptiva e biofísica; nas quais ela explicou da seguinte forma:

“Os espaços livres desempenham importantes papéis na ocupação do território e são peças fundamentais a serem consideradas para sua estruturação desde distintos pontos de vista, como, por exemplo: - **O urbano**, como importante elemento na definição do uso e da ocupação do solo e como possibilidade de articulação espacial entre as partes do território que se encontram, de modo geral, fragmentadas entre si. - **O social e cultural**, como aglutinador social, lugar de encontro, de lazer, lugar que possibilita a criação e a consolidação de valores e significados coletivos, atuando contra a segmentação espacial e social. - **O perceptivo**, como lugar que possibilita a criação de uma imagem da paisagem, de sua identidade visual, o reconhecimento de suas partes e sua inter-relação, o que tende a favorecer a identificação e a apropriação do lugar. - **O biofísico**, como lugar dos fluxos bióticos, dos elementos abióticos e das dinâmicas e processos naturais, fundamentais para a manutenção e o equilíbrio ambiental do território.” (OLHAR VIRTUAL, 2009, grifo nosso)

É esse olhar sistêmico dos espaços livres da cidade que se pretende aqui desenhar a proposta paisagística para a área estudada, integrando o Pátio da Igreja de N.Sra. do Rosário às demais áreas livres existentes nas proximidades do pátio. Com isso busca-se conectar e integrar esse conjunto de espaços segundo um sistema de conexão urbana que sirva para a circulação de pessoas e coisas, inter-relação de identidades históricas e culturais, materiais e imateriais, agregação e desenvolvimento humano de convivência e habitabilidade, bem como a criação ou promoção de espaços de amenidade climática, proporcionando conforto ambiental e ciclagem ecológica, com vegetação arbórea e rasteira nativa, formando corredores ambientais, necessários a sustentabilidade urbana.



04: A PROPOSTA

4.1. DIRETRIZES DE CONCEPÇÃO PROJETUAL

Atualmente, quando se chega no espaço do Pátio da Igreja de N. Sra do Rosário pelas ruas Azeredo Coutinho e Francisco Lacerda nota-se que a visada para a igreja, maior marco arquitetônico e histórico do espaço, está parcialmente “encoberta” pelas copas das árvores presentes no canteiro central do pátio. Motivada por essa situação foi idealizada uma das principais diretrizes projetuais que é o “descortinamento” da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, ponto relevante já destacado como o mais importante. É válido destacar que desde o início do desenvolvimento do projeto, a ideia é que essa diretriz possa se concretizar através da reorganização do espaço livre público e da criação de um novo eixo que “guie” o transeunte no caminhar e no olhar para a paisagem. Isso sem que haja a necessidade de se erradicar nenhuma das árvores desse canteiro, mas sim uma poda orientada, entendendo que as mesmas possuem uma importância significativa para a paisagem local, estando presentes no local já a bastante tempo, além de contribuírem para o conforto térmico ambiental da área, visto que geram uma grande área de sombra. Na Figura 41 é possível observá-las no ano de 2011, em que é possível “voltar no tempo” utilizando-se do recurso do Google Maps nesse espaço, há 14 anos, e se registra uma estrutura já bem consolidada.

Figura 41 - Árvores do canteiro central no ano de 2011



Fonte: Google Maps, 2025.

Foi considerando o foco no ponto acima destacado que se toma como base para a idealização do projeto. Nesse sentido, foi realizado um levantamento in loco das árvores existentes nesse espaço público, entendendo que estas não teriam um papel figurativo, mas sim ganhariam certo protagonismo e guiariam as linhas do desenho de paginação a serem desenvolvidas e fortalecidas levando em conta o foco do eixo. As árvores foram identificadas e locadas nos pontos em que estas estavam plantadas, como pode ser vista na Figura 42 de maneira gráfica. No canteiro central é possível notar a presença maior de árvores do tipo Castanhola, nome popular, enquanto que na calçada que perpassa na frente da Província dos Padres da Matriz e da Igreja de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos, tem-se a maior presença das árvores popularmente conhecidas como Pata de Vaca. Porém é possível ver também a presença das árvores: Nim, Pau-Brasil, Sombreiro Clitoria, Ipê Branco, Ipê Rosa e Palmeira Imperial.

Figura 42 - Levantamento das árvores existentes no Pátio



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Dando relevância ao conforto térmico, aponta-se também como diretriz para o desenvolvimento do projeto a amenidade climática ambiental para o espaço e seu entorno imediato. Com isso, tem-se a ideia de trazer uma linha d'água que fizesse alusão às as curvas

e sinuosidades das águas do Cavouco, importante riacho já destacado anteriormente que tem sua nascente dentro da UFPE e que perpassa por algumas ruas do bairro da Várzea marcando a paisagem local.

Um outro aspecto importante a ser destacado que baseou e também serviu de guia no desenvolvimento do projeto, foi o fato de potencializar os usos sociais pré-existentes, promovendo um espaço livre público que de fato dialogue com o seu entorno valorizando seu caráter social e humano o que traz mais vida para o ambiente urbano. Afinal, já é um espaço que, atualmente, é bastante atrativo pelo uso religioso ali praticado e o uso comercial cotidiano, com os cafés e restaurantes, com uso regular, embora de forma isolada e até mesmo “privada”, mas que torna aquele espaço público atrativo por si só, dando mais impulso aos usos já instalados ali nesse espaço.

Por fim, mas não menos importante, tem-se o aspecto histórico e de memória local, já destacado desde o título deste trabalho: *a conexão de memórias*. Tem-se o intuito de estar conectando o Pátio às demais áreas históricas e livres existentes nas proximidades do mesmo, destacando-se aqui principalmente o Educandário Magalhães Bastos, que marca o outro extremo do eixo histórico da Rua Francisco Lacerda, enquanto marco histórico; e a Praça da Várzea enquanto espaço livre público que também possui uma forte influência histórica na formação do bairro, como um todo.

4.2. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

No processo de desenvolvimento do projeto de Requalificação Paisagística para o Pátio da Igreja foi-se necessário a realização de análise de estudos de intervenções em espaços livres públicos que referenciassem as ideias postas e nos quais fossem analisados elementos como, os materiais utilizados, a disposição e divisão dos espaços, as soluções e inovações trazidas, entre outros pontos. Para esse trabalho foram escolhidas as seguintes referências projetuais: A *Praça François Mitterrand*, na França; a *Praça Mosteiro de São Bento*, em Garanhuns-PE; e a *Praça do Município de Ribeira de Pena*, em Portugal.

4.2.1 Praça François Mitterrand, França

A Praça François Mitterrand foi uma intervenção realizada em Le Creusot, uma cidade francesa na Borgonha, finalizada no ano de 2005. De acordo com a *JML*, empresa responsável pelo recurso hídrico do espaço, “o projeto faz parte de um amplo plano diretor, desenvolvido pela Grunig Tribel, que transformou a área em um próspero bairro para pedestres”.

Um dos aspectos mais importantes desse projeto que foi levado em consideração e tomado como referência foi o desenho de piso do espaço público. Grandes marcações lineares que dão certa regularidade e continuidade para o espaço que parecem se originar a partir do construído pré existente nos arredores imediatos da praça, fazendo com que as estruturas arquitetônicas se integrem com esse novo espaço desenvolvido e “conversem” com o desenho do espaço livre público (Figura 43).

Figura 43 - Praça François Mitterrand



Fonte: JML, acesso em 2025.

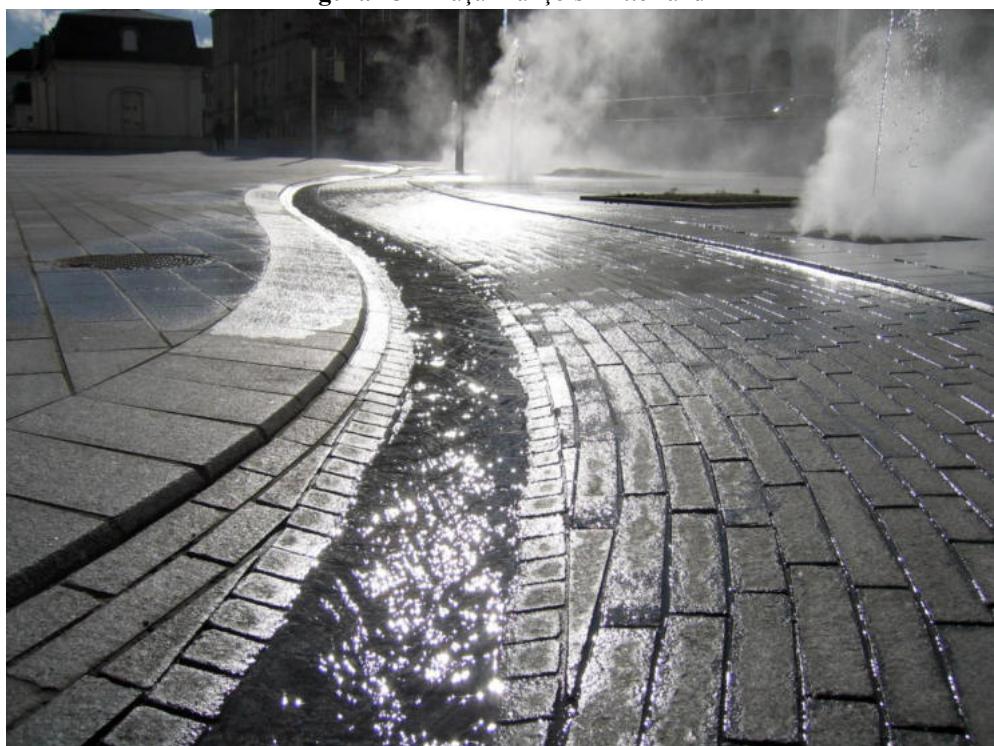
Atrelado a essas marcações, tem-se a materialidade do piso em si, no qual é possível observar que foi trazido diferentes tonalidades da cor cinza a partir dos diferentes tipos de pedras graníticas. Além disso, outro importante ponto foi a forma como essas delimitaram as diferentes áreas da praça, o espaço permitido para a passagem de veículos no piso elevado, a linha d'água que percorre grande parte da praça e as suas margens, muitas vezes só mudando a paginação das pedras utilizadas, como pode ser analisado nas Figuras 44 e 45.

Figura 44 - Praça François Mitterrand



Fonte: JML, acesso em 2025.

Figura 45 - Praça François Mitterrand



Fonte: JML, acesso em 2025.

Por fim, destaca-se aqui a exaltação e presença da água por praticamente todo o percorrer da praça, seja com espirros d'água saindo diretamente do chão (Figura 46), linhas d'água que cortam as áreas de concreto e de gramado e até mesmo com uma fonte com espelho d'água. Na Figura 47 é possível observar o que foi destacado. Todos esses pontos, além de promoverem a sensação de frescor nos meses mais quentes com o movimento constante das águas na paisagem local, promovem uma interação entre aqueles que passam pelo local.

Figura 46 - Praça François Mitterrand



Fonte: JML, acesso em 2025.

Figura 47 - Praça François Mitterrand



Fonte: JML, acesso em 2025.

4.2.2 Praça Mosteiro de São Bento, Garanhuns - PE

A **Praça Mosteiro de São Bento** está localizada onde antes era a Praça Tiradentes da cidade de Garanhuns, interior do estado de Pernambuco, ao lado do Centro Cultural Alfredo Leite Cavalcanti e em frente ao Mosteiro de São Bento. Foi um projeto idealizado pela própria Prefeitura da cidade e construído pela empresa ANCAR Construtora LTDA que teve sua inauguração no ano de 2024.

O primeiro ponto a ser destacado dessa referência foi a presença do espelho d'água que perpassa por boa parte da praça que possui um formato mais alongado. É interessante de se pontuar a forma como esse elemento foi disposto e desenhado de forma mais orgânica, como pode ser visto na Figura 48, onde hora possui uma forma mais retilínea e mais estreita, hora possui um formato mais orgânico e que se alarga mais.

Figura 48 - Praça Mosteiro de São Bento



Fonte: Prefeitura de Garanhuns, 2023.

Outro importante ponto a ser destacado para que essa praça fosse tomada como uma importante referência para este trabalho foi o tratamento de piso realizado e a materialidade trazida no passeio da praça como um todo, onde foi disposto por caminhos com placas de concreto em sua cor natural principalmente no eixo caminhável central e ainda espaços com revestimento com pedra portuguesa branca. É possível observar na Figura 49 esta relação desses dois revestimentos no projeto com a representação em imagens fotorrealísticas. E na Figura 50 podem ser analisadas ambas as texturas após execução do projeto, onde em

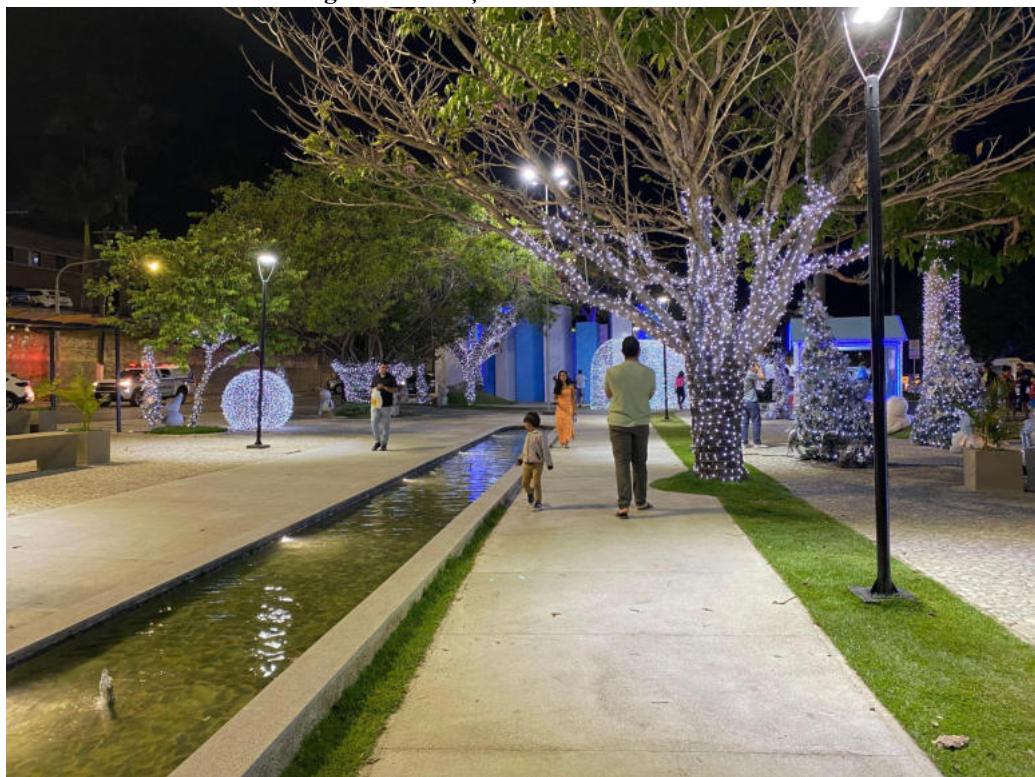
primeiro plano encontra-se o eixo concretado, enquanto que ao fundo mais próximos às laterais da fotografia é possível perceber a presença da pedra portuguesa branca.

Figura 49 - Praça Mosteiro de São Bento



Fonte: Prefeitura de Garanhuns, 2023.

Figura 50 - Praça Mosteiro de São Bento



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

É válido ressaltar, por fim, que de acordo com a Prefeitura de Garanhuns ao divulgar o projeto a ser construído ainda na época, foi dito que essa “nova praça contará com um amplo espaço, em projeto inovador que permitirá a integração social, contando com área de convivência e preservação ambiental, fazendo jus à Cidade das Flores, oferecendo mais qualidade de vida a todos” (Prefeitura de Garanhuns). E ao se analisar esse projeto e a sua execução, portanto, percebe-se que esse espaço cumpriu com seu papel proposto. Esta referência muito se aproxima ao ambiente que se deseja propor no presente trabalho.

4.2.3 Praça do Município de Ribeira de Pena - Portugal

A Praça do Município de Ribeira de Pena está localizada numa pequena vila portuguesa, com um ar bastante intimista e interiorano com seus 5.861 habitantes. A praça está presente em um espaço bem central do município e juntamente com a igreja, ponto marcante na paisagem local, assumem um papel bastante importante do ponto de vista urbano, principalmente por estarem localizados estrategicamente onde ocorre grande parte da dinâmica citadina e as trocas entre seus habitantes e transeuntes, de modo geral (Figura 51). Foi um projeto desenvolvido pelo escritório português “AXR - Arquitetura e Design” que interveio em uma área de 3.429 m² no ano de 2021.

Figura 51 - Praça do Município de Ribeira de Pena



Fonte: ArchDaily, 2024.

De início, destaca-se a forma como foi trabalhado o largo da Igreja em questão, de forma mais “limpa” e vazia, trazendo uma maior amplitude e até monumentalidade para a

Igreja existente, de forma a valorizá-la ainda mais. Nesse frontão foram realizadas também marcações lineares, de certa forma até sutis, no piso que marcaram o eixo de entrada para a igreja e contribuíram ainda mais para o protagonismo da mesma (Figura 52).

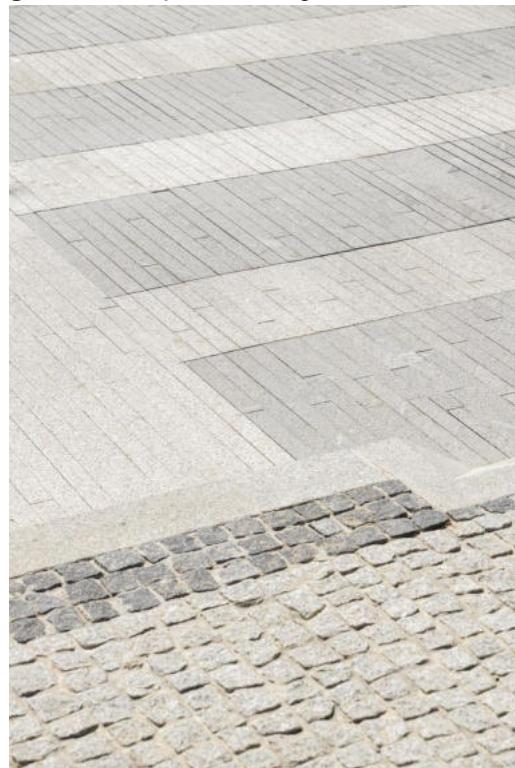
Figura 52 - Praça do Município de Ribeira de Pena



Fonte: ArchDaily, 2024.

Atrelado ao último ponto destacado, evidencia-se nessa referência a questão da materialidade utilizada no piso, principalmente nesse grande frontão da Igreja e em seus arredores imediatos, onde é possível observar a presença de diferentes tipos de pedras e/ou concreto em suas diferentes tonalidades, de forma a criarem desenhos no piso de forma mais sutil modificando apenas a paginação e/ou a escala da cor cinza (Figura 53 e 54).

Figura 53 - Praça do Município de Ribeira de Pena



Fonte: ArchDaily, 2024.

Figura 54 - Praça do Município de Ribeira de Pena



Fonte: ArchDaily, 2024.

Por fim, destaca-se no ambiente da praça, na lateral da igreja, a disposição mais ortogonal das áreas verdes e o posicionamento mais pontuais dos bancos de concreto dispostos às margens verdes, que apesar de sua extensão um pouco mais alongada, não acompanham por completo todo o comprimento desses espaços de gramado (Figura 55).

Figura 55 - Praça do Município de Ribeira de Pena



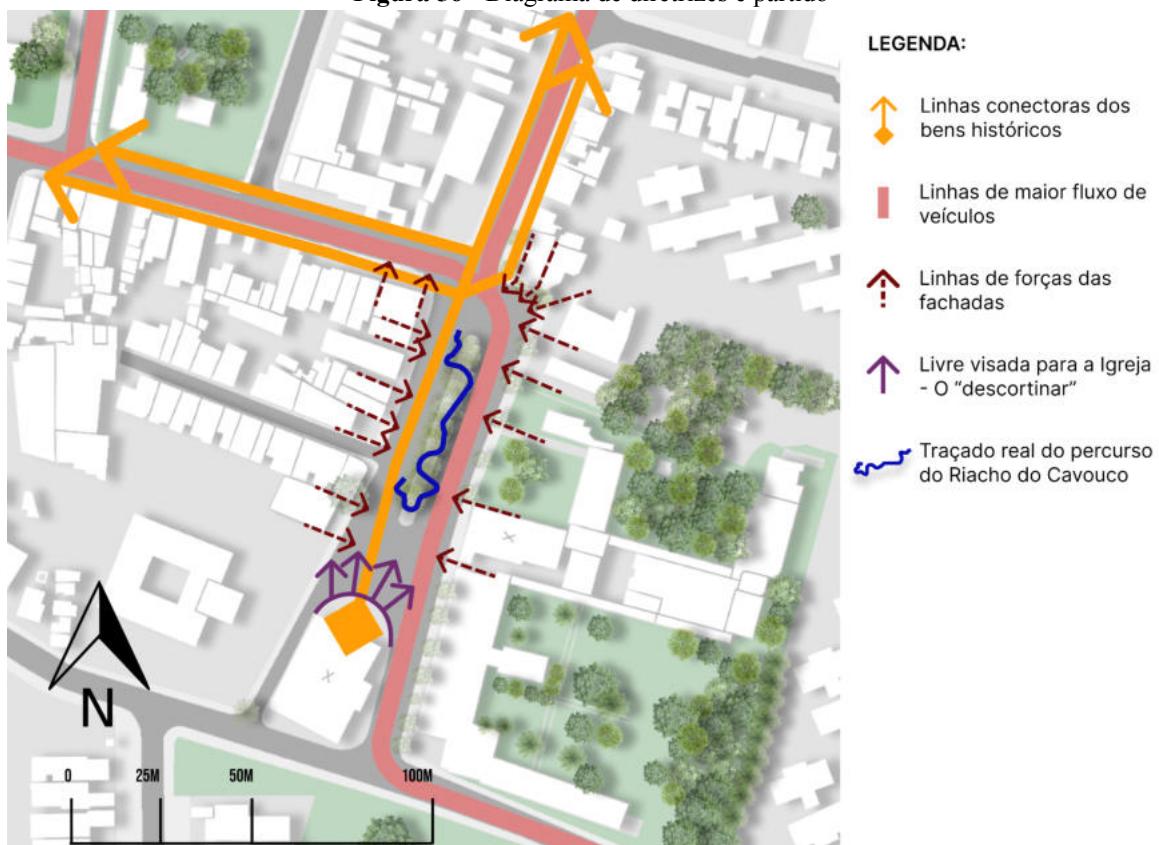
Fonte: ArchDaily, 2024.

4.3. O PROJETO

Após análise e conhecimento de forma mais aprofundada e detalhada do objeto de estudo, compreendendo a área a partir de conceitos e abordagens teóricas de grandes estudiosos, foi possível definir as diretrizes iniciais para a concepção projetual e rebatimento das referências projetuais estudadas para o projeto desenvolvido, fruto deste presente trabalho.

Para o desenvolvimento de fato do projeto paisagístico do Pátio da Igreja Matriz de N. Sra. do Rosário, foi construído um diagrama mais conceitual e ilustrativo com as diretrizes de as linhas de forças que se destacavam no espaço de maneira a se entender o que viria a se tornar o projeto proposto, caracterizando o partido para a idealização do mesmo (Figura 56).

Figura 56 - Diagrama de diretrizes e partido



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Como pode ser observado neste diagrama foram destacadas cinco importantes diretrizes que serviram de partido para o desenvolvimento do projeto: Linhas conectoras dos bens históricos representada na cor laranja na figura acima, onde para essas foram destacadas as calçadas que ligam o Pátio ao Educandário e à Praça da Várzea; As linhas de maior fluxo de veículos em rosa; As linhas de forças das fachadas na cor vinho, uma vez que entende-se que a pré-existência arquitetônica influêncie no espaço urbano; em roxo tem-se a diretriz que destaca a livre visada para a igreja e com isso possibilitar o “descortinar” deste importante marco histórico da paisagem local; e por fim, a linha diretriz das águas, representada em azul, aludindo ao traçado real do percurso do Riacho Cavouco, a fim de resgatar a ideia, de uma linha d’água que fizesse alusão às curvas e sinuosidades das águas do Cavouco.

A partir disso, iniciou-se o processo de desenvolvimento de estudos de traçado (Figuras 57, 58, 59 e 60), onde foram testadas e discutidas as diferentes possibilidades de paginações de piso, os diferentes materiais a serem utilizados, fortalecendo a criação do “novo eixo” de visada livre para a igreja. O traçado da linha d’água inspirado nas curvas do Cavouco passando por entre as árvores existentes no canteiro central atualmente, gera um novo traçado viário para o espaço do pátio, com alocação de novas áreas verdes como forma de articular a

conexão tanto entre o Educandário com o eixo da Rua Francisco Lacerda, quanto com a Praça da Várzea com o eixo da Rua Azeredo Coutinho, vindo compor a proposta final para o Pátio exposto na Figura 61 e nos Apêndices A e B.

Figuras 57 e 58 - Primeira parte dos estudos de traçado para o Pátio



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figuras 59 e 60 - Segunda parte dos estudos de traçado para o Pátio



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 61 - Planta baixa projeto final



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Para a proposta final, portanto, destaca-se a elevação do piso em partes do pátio, no intuito de se ter uma valorização do espaço para o pedestre e entendendo que o espaço atualmente é carente de um espaço mais amplo de calçadas, principalmente devido ao fato das mesmas serem muito utilizadas pelas cafeterias e restaurantes para a disposição de suas mesas e cadeiras, algumas sendo dispostas até mesmo no eixo carroçável. O espaço proposto para a passagem dos veículos a leste fica mais restrito, ficando no nível da rua, como passagem principal dos veículos que transitam cotidianamente pelo espaço (Figura 62). Como acesso específico aos moradores da Travessa Francisco Lacerda, foi destinada uma passagem a oeste, no mesmo nível da calçada, tendo acesso pela Rua João Francisco Lisboa, na lateral da Igreja Matriz (Figura 63). No ponto de encontro da Rua Francisco Lacerda e a Rua Azeredo Coutinho também se propõe piso elevado onde é possível o trânsito compartilhado de pessoas e veículos no mesmo espaço separados apenas por balizadores que restringem os usos (Figura 64). Assim, em ambos os espaços desse trecho de via compartilhada, a área restrita para a passagem de veículos foi delimitada com o uso de balizadores de concreto do tipo fradinho. É válido destacar que, com esta elevação de piso, teve-se o intuito de possibilitar ao pedestre

uma livre e acessível passagem para o novo espaço público proposto a partir dos diferentes pontos de chegada. Para essas vias descritas acima, foi proposto revestimento de paralelepípedo em pedra granítica tendo em vista que esse já é um material utilizado atualmente nas ruas do Pátio e seus arredores imediatos o que traz um certo diálogo com a história presente no local.

Figura 62 - Principal eixo carroçável do Pátio



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 63 - Acesso para a Travessa Francisco Lacerda



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 64 - Ponto de encontro da Rua Francisco Lacerda e a Rua Azeredo Coutinho



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Para evidenciar a história do lugar adota-se a diretriz que norteia o descortinar a paisagem ao se permitir a livre visada para a Igreja, criando-se um “novo eixo” que guia o olhar do transeunte para mesma, seguindo a linha da calçada de acesso pela Rua Francisco Lacerda, entendendo este como sendo o eixo histórico do recorte marcado no outro extremo pelo Educandário Magalhães Bastos. Nesse grande eixo, objetiva-se a continuação da visada marcada no próprio desenho de piso (Figuras 65 e 66), tendo-se em determinado momento uma pequena angulação que guia o olhar do transeunte para o frontão da igreja agora de forma mais livre e aberta (Figura 67). A criação dessa nova visada objetivou evidenciar a Igreja enquanto elemento arquitetônico marcante da paisagem nos diferentes pontos de chegada, tanto pela Rua Francisco Lacerda como pela Rua Azeredo Coutinho (Figura 68), afinal ela é um marco histórico importante o que corrobora com a classificação do espaço enquanto um Pátio - o pátio da Igreja de N. Sra. do Rosário.

Figura 65 - Marcação de piso novo eixo - Primeira parte



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 66 - Marcação de piso novo eixo - Segunda parte



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 67 - Frontão da igreja livre e aberto



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 68 - Visada livre para a Igreja Matriz N. Sra. do Rosário



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Para esse eixo, foi utilizado piso em concreto natural com marcações em juntas de pedras em paralelepípedo paralelos e alinhados, a partir da projeção das fachadas das edificações existentes no espaço, definindo-se uma “paginação” no piso. O concreto utilizado neste eixo também foi proposto para ser utilizado na revitalização das calçadas que “saem” do

pátio para os demais locais do bairro, sendo essa inclusive uma diretriz de ampliação projetual considerando a conexão e ligação com os demais espaços públicos/históricos próximos. Destaca-se ainda que como forma de ligação visual com o Educandário, e dele com o Campo do Banco enquanto bens históricos e, por outro lado, com a Praça da Várzea, enquanto espaço livre público de grande importância histórica no contexto urbano estudado, propõe-se uma alameda de Ipês Roxos e Rosas. A implantação dessas espécies deve ser em canteiros-alegretes dispostos com espaçamento com pouco mais de seis metros, visando formar uma massa vegetal com grande potencial floral formada pelas copas dessas árvores, marcando esses dois importantes eixos de conexão paisagística (Figura 69 e 70). Especificamente para a marcação do eixo histórico da Igreja com o Educandário, foram posicionadas uma sequência de Palmeiras Macaibeiras na calçada da Rua Francisco Lacerda e outras posicionadas no mesmo alinhamento das demais previstas para o espaço projetado para o Pátio as quais fortaleceram a marcação do eixo visual. As palmeiras, como elemento vegetal significativo na paisagem da Várzea foram selecionadas para lembrar e fazer uma conexão com as Palmeiras Imperiais existentes na frente do Educandário e também na Praça da Várzea.

Figuras 69 e 70 - Alameda de Ipês na Rua Azeredo Coutinho e na Rua Francisco Lacerda



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Atualmente nos arredores da Igreja, as calçadas têm como revestimento a Pedra Granítica. Por similaridade, propõe-se a expansão da área de superfície tratada com esse material podendo ser aplicado tanto na parte frontal da Igreja, como já existe, mas também na esplanada de chegada ao Pátio pelas Ruas Azeredo Coutinho e Francisco Lacerda,

potencializando a interconexão entre elas. Na parte frontal da Matriz, propõe-se a expansão do uso dessa pedra de maneira a se ter um redesenho do piso que valorize o monumento arquitetônico pelo tratamento dado ao piso do Pátio, uma materialidade já presente no espaço (Figura 71). Já na esplanada de chegada ao pátio (Figura 72), teve-se o intuito de colocar esse mesmo material para se ter uma ligação desse ambiente de chegada com o já existente mais ao fim do trajeto, nos arredores da Igreja, fazendo uma conexão de ambas as áreas a partir do eixo criado que guia o transeunte de um lado ao outro e o conduz para ambas as áreas, visto que o desenho do eixo mais retilíneo central integram essas áreas como uma forma de conduzir e receber aqueles que transitam pelo local.

Figura 71 - Frente da Igreja Matriz N. Sra. do Rosário



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 72 - Esplanada de chegada ao Pátio



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Entendendo a necessidade desse espaço público como um ambiente urbano de fato atrativo, acolhedor e contemplativo propõe-se para a área do Pátio estruturas que proporcionem bem-estar e conforto ambiental. Foram dispostos ambientes de “estar” para aqueles que não desejam apenas transitar com passagem rápida pelo pátio e/ou usufruir dos usos privados das edificações, mas sim permanecer e contemplar a paisagem local. Com esse objetivo, cria-se uma área interna por entre as árvores existentes, com piso em solo natural de terra batida com alguns canteiros nas laterais e uma forração rasteira em grama (Gramado Amendoim) - vegetação rasteira que possui uma pequena floração amarelada proporcionando um atapetado colorido à paisagem do Pátio. Foram dispostos ainda no entorno desses canteiros alongados bancos de concreto com ripas de madeira na área interna com terra batida (Figura 73).

Figura 73 - Banco de concreto com ripas de madeira



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Contornando de forma mais orgânica esse espaço, tem-se a presença de uma linha d'água, com uma pequena profundidade de uns vinte centímetros, que, assemelhando-se com o Riacho do Cavouco, perpassa o pátio como uma espécie de serpentina passando por entre as árvores já existentes. Esse percurso se inicia a partir de um espelho d'água com a presença de um espirro d'água central (Figura 74) e finaliza num grande círculo formado por outro espelho d'água com diversos espirros espalhados no nível da calçada. Nesse limite circular, utiliza-se o piso fulget drenante na cor Cinza Argento, que possibilita uma relação mais interativa dos transeuntes com a água ali presente (Figura 75). Salienta-se aqui que a proposta dessas águas circulando neste circuito descrito acima sejam provenientes do reuso, vindas dos restaurantes e cafeterias do entorno imediato, bem como água de chuvas recolhidas pelos telhados, passando, logicamente, por um tratamento que possibilite o uso adequado, benéfico e não danoso à saúde pública.

Figura 74 - Espelho d'água com a presença de um espirro d'água central



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 75 - Espirros d'água interativos



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Já na frente das edificações existentes, conformada agora num grande espaço de piso elevado, decidiu-se deixar essas fachadas com tipologias arquitetônicas singulares mais livres para serem vistas, entendendo que além de ser necessário esse acesso livre para as edificações, entende-se que elas também formam a imagem e a paisagem do local na memória daqueles que ali transitam. Além disso, pensou-se também na dinâmica social e econômica dos pontos comerciais ao colocarem suas mesas e cadeiras para a área externa do Pátio, como já ocorre no local atualmente, o que não “atrapalha” o fluxo de pessoas. Tanto esse espaço descrito acima, como as demais calçadas do pátio possuem um tratamento com Pedra Portuguesa na cor Branca (Figura 76).

Figura 76 - Pátio da Igreja de N. Sra. do Rosário



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Por fim, destaca-se ainda que a calçada da Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pardos foi alargada o suficiente para se criar um eixo de massa vegetal arbórea no centro do passeio, criando mais um espaço seguro e confortável em termos de amenidade climática, para os pedestres e transeuntes de maneira geral (Figura 77). Grande parte das árvores já estão presentes nesta calçada tendo sido proposto apenas o plantio de um Ipê Branco e um Ipê Rosa. É válido salientar que para todas essas árvores foram propostos canteiros de 1,5m por 1,5m. Mais próximo a cafeteria “O Melhor Cantinho da Cidade” foi proposto também um pergolado metálico com ripas de madeira utilizando-se a trepadeira Bougainvillea, possibilitando uma sombra maior para o espaço, além da colorida cobertura proporcionada por essa espécie de

planta que torna o ambiente mais acolhedor e aprazível. É um ambiente atualmente muito utilizado e frequentado pelo público local, ainda que seja de uso privado da cafeteria/ restaurante, apresentando grande incidência solar no entardecer, o que de fato requer um tratamento de conforto ambiental (Figura 78).

Figura 77 - Calçada com massa arbórea central



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 78 - Pergolado proposto



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises e proposições desenvolvidas ao longo deste trabalho permitiram alcançar o objetivo central de propor uma requalificação paisagística sensível e contextualizada para o Pátio da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, na Várzea, Recife–PE. A partir do estudo histórico-cultural, das visitas e observações in loco, e da compreensão das dinâmicas sociais que moldam o cotidiano do bairro, foi possível construir uma proposta que dialoga com a memória, as vivências locais e as necessidades atuais da população.

Os levantamentos físicos, registros fotográficos e análises urbanísticas forneceram subsídios consistentes para compreender o pátio não apenas como um espaço livre urbano, mas como um lugar de referência afetiva e simbólica para seus frequentadores. Esse entendimento orientou a elaboração de estratégias projetuais que valorizam o pedestre, reorganizam fluxos, qualificam os espaços de permanência e reforçam a conexão entre os elementos históricos e ambientais da paisagem.

O conjunto de soluções apresentadas, como o redesenho dos eixos visuais, o tratamento de pisos, a seleção de materiais compatíveis com o caráter do lugar e a inserção cuidadosa da vegetação, busca promover não apenas melhorias físicas, mas também fortalecer o sentimento de pertencimento e a identidade cultural urbana associada ao pátio. Assim, a intervenção proposta se coloca como uma possibilidade concreta de qualificação do espaço público, mantendo respeito pelas pré-existências e valorizando a relação entre comunidade e território.

Por fim, acredita-se que este estudo possa contribuir para reflexões mais amplas sobre a importância da requalificação de espaços livres públicos na cidade do Recife. Ainda que em caráter acadêmico, o trabalho evidencia o potencial de intervenções pautadas na memória, na leitura sensível da paisagem e na promoção do uso democrático do espaço urbano. Espera-se que as proposições aqui apresentadas possam inspirar gestores e futuras iniciativas, ampliando o olhar para o papel dos espaços públicos na construção de cidades mais acolhedoras, inclusivas e conectadas às suas histórias.

REFERÊNCIAS

- ARCHDAILY. **Requalificação da Praça do Município de Ribeira de Pena.** Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1020028/requalificacao-da-praca-do-municipio-de-ribeira-de-pena-axr-arquitetura-e-design>. Acesso em: 14 maio 2025.
- BERJMAN, S. El paisaje y el patrimonio. In: SEMINARIO INTERNACIONAL LOS JARDINES HISTÓRICOS: APROXIMACIÓN MULTIDISCIPLINARIA, 2001, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires, ICOMOS, 2001.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo:** exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BONDUKI, Nabil. Praças para a vida coletiva. In: BONDUKI, Nabil. **Intervenções Urbanas na Recuperação de Centros Históricos.** Brasília: Iphan, 2012.
- CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS. Cidade do México, 18 jun. 2025. Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas Região Américas (IFLA-AR), Universidad Autónoma Metropolitana unidad Azcapotzalco (UAM-A).
- CONSELHO DA EUROPA; Convenção Europeia da Paisagem. Conselho da Europa, 2000. Disponível em: <https://www.coe.int/web/landscape>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Arredores do Recife.** Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1981.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** 1. ed. Brasil: Edições 70, 2008.
- DE MELO, F. C.; HALLEY, R. M. MORTE E VIDA NO BAIRRO: PARADOXOS DO CEMITÉRIO DA VÁRZEA EM SEU TERRITÓRIO. **Paisagens & Geografias**, [S. l.], v. 4, n. Esp, 2022. Disponível em: <https://www.paisagensegeografias.revistas.ufcg.edu.br/index.php/A1p7D/article/view/45>. Acesso em: 5 out. 2024.
- DESIGN, Jml Water Feature. **Place François Mitterrand Le Creusot, França.** 2005. Disponível em: <http://www.jmlwaterfeaturedesign.com/en/projects/place-francois-mitterrand>. Acesso em: 15 maio 2025.
- DI MAIO, Sara; BERENGO, Cecilia. **Nós somos a paisagem:** Como interpretar a Convenção Europeia da Paisagem. MAPa: 2012.
- FEITOSA, Denis Alves. **PATRIMÔNIO CULTURAL E PARTICIPAÇÃO POPULAR:** DEFESA E PRESERVAÇÃO DO CASARÃO DA VÁRZEA (RECIFE – PE). 2022. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.unirio.br/ppg-pmus/denis_alves_feitosa2.pdf. Acesso em: 27 nov. 2024.
- FOLHA DE PERNAMBUCO. **40 cafeterias do Grande Recife e interior participam do Festival Recife Coffee.** Pernambuco, 03 maio 2024. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/radio-folha/40-cafeterias-do-grande-recife-e-interior-participam-do-festival/333249/>. Acesso em: 24 jan 2025.
- FRAZÃO, Dilva. **Filipe Camarão.** eBiografia, 13 jan. 2023. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/filipe_camarao/#:~:text=Filipe%20Camar%C3%A3o%20\(1591%2D1649\),contra%20ataque%20dos%20inimigos](https://www.ebiografia.com/filipe_camarao/#:~:text=Filipe%20Camar%C3%A3o%20(1591%2D1649),contra%20ataque%20dos%20inimigos). Acesso em: 26 out. 2024.
- GARANHUNS, Prefeitura de. **Mais Obras/ Garanhuns contará com nova praça no centro da cidade.** 15 set. 2023. Disponível em: <https://garanhuns.pe.gov.br/mais-obras-garanhuns-contara-com-nova-praca-no-centro-da-cidade/>. Acesso em: 26 maio 2025.
- GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3. ed. WMF Martins Fontes, 2011.

JML. **Place François Mitterrand Le Creusot, France**. Disponível em: <http://www.jmlwaterfeaturedesign.com/en/projects/place-francois-mitterrand#~:text=Year%20of%20completion%202005,connects%20the%20Place%20Fran%C3%A7ois%20Mitterrand..> Acesso em: 03 jun. 2025.

LABORATÓRIO DA PAISAGEM (org.). **Concertina Pensar Paisagem**. Recife, PE: Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), 2021.

LACERDA, Norma; LEITÃO, Lúcia; QUEIROZ, Paulo Abílio de. Legitimidade espacial: uma discussão sobre mutação e permanência das estruturas espaciais urbanas. **EURE (Santiago)**, v. 36, n. 107, p. 109-122, 2010.

LEAL, Fernando Machado. **RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE MONUMENTOS BRASILEIROS**. Recife: Ufpe, 1977. 171 p.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. 3. ed. WMF Martins Fontes, 2011.

MENESES. Ulpiano Toledo Bezerra de. Repovoar o Patrimônio Ambiental Urbano. In: BRASÍLIA. Andrey Rosenthal Schlee. **Revista do Patrimônio**: histórico e artístico nacional. 36. ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), 2017.

MOURA DUBEUX. **Bairro da Várzea: a tradição de morar bem**. Blog Moura Dubeux, 18 dez. 2022. Disponível em: <https://www.mouradubeux.com.br/blog/bairro-da-varzea-a-tradicao-de-morar-bem>. Acesso em: 16 nov. 2024.

OBSERVATÓRIO DE SANEAMENTO AMBIENTAL DO RECIFE - OSAR. **O riacho do Cavouco como patrimônio natural e cultural**. Recife, 20 Jun. 2019. Disponível em: <https://observatoriosar.wordpress.com/2019/06/20/o-riacho-do-cavouco-como-patrimonio-natural-e-cultural/>. Acesso em: 14 maio 2025.

OFICINA Territorial ZDS Capibaribe: Plano de Ordenamento Territorial. Recife: Instituto da Cidade Pelópidas Silveira, 2019. 29 slides, color. Disponível em: https://planodiretor.recife.pe.gov.br/sites/default/files/inline-files/7_OFICINA%20ZDS%20CAPIBARIBE_V3.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

OLHAR VIRTUAL (Rio de Janeiro). Espaços livres: ponto-chave na ordenação territorial. 2009. Entrevista elaborada por Vanessa Sol. Disponível em: https://www.olharvirtual.ufrj.br/2010/imprimir37fe.html?codigo=9&id_edicao=247&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 06 jun. 2025.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista brasileira de história**, v. 26, p. 115-140, 2006.

PERNAMBUCO, Laboratório Topográfico de. **Cartografia histórica**. Disponível em: <https://www.labtopope.com.br/cartografia-historica/>. Acesso em: 05 out. 2024.

PLANTA DA CIDADE DO RECIFE E SEUS ARRABALDES. Recife, PE: a Repartição, 1875. 1 planta em 4 seções, col., 72 x 61cm. Escala 1:10.000. (W34°54'47" / S8°10'52"). Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart529229/cart529229.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. **Caderno de Proposta da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo**. Recife, PE, 2019. Disponível em: https://planodiretor.recife.pe.gov.br/sites/default/files/inline-files/191104_Caderno%20de%20Proposta%20LPU%20-%20Vol%201.pdf. Acesso em: 28 jun. 2024.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. **Diagnóstico Propositivo para as Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Cultural - ZEP**. Recife, PE, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1vbwEzCA730sp5bhlpfXDKGlhaLkZoI-M/view>. Acesso em: 30 out. 2024.

PREFEITURA DO RECIFE (Município). Decreto Nº 29.537, de 23 de Março de 2016. Dispõe sobre a classificação como Jardins Históricos de Burle Marx dos espaços públicos vegetados do Recife que especifica, integrando-os ao Sistema Municipal de Unidades Protegidas do Recife - SMUP Recife, instituído pela Lei Municipal nº 18.014, de 09 de maio de 2014. Diário Oficial, Prefeitura do Recife, PE.

PREFEITURA DO RECIFE (Município). **Lei Complementar Nº 2**: Plano Diretor. Recife, PE, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-recife-pe>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PREFEITURA DO RECIFE (Município). **Lei Ordinária n.16176, de 1996**: ESTABELECE A LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO DA CIDADE DO RECIFE. Recife, PE, 05 jan. 2022. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/1996/1617/16176/lei-ordinaria-n-16176-1996-estabelece-a-lei-de-uso-e-ocupacao-do-solo-da-cidade-do-recife>. Acesso em: 28 jul. 2024.

PREFEITURA DO RECIFE (Município). Lei Ordinária n.16719, de 2001: Cria a área de reestruturação urbana - Aru, composta pelos bairros Derby, Espinheiro, Graças, Aflitos, Jaqueira, Parnamirim, Santana, Casa Forte, Poço Da Panela, Monteiro, Apipucos E Parte Do Bairro Tamarineira, estabelece as condições de uso e ocupação do solo nessa área. Recife, PE, 03 dez. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2001/1671/16719/lei-ordinaria-n-16719-2001-cria-a-area-de-reestruturacao-urbana-aru-composta-pelos-bairros-derby-espinheiro-gracas-aflitos-jaqueira-parnamirim-santana-casa-forte-poco-da-panela-monteiro-apipucos-e-parte-do-bairro-tamarineira-estabelece-as-condicoes-de-uso-e-ocupacao-do-solo-nessa-area>. Acesso em: 28 ago. 2024

RECIFE DE ANTIGAMENTE. **Bonde da linha da Vázea em 1926.** 27 dez. 2013. Facebook: Recife de antigamente. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1398893213584558&id=1206395696167645&set=a.1206410226166192>. Acesso em: 30 junho 2024.

RECIFE DE ANTIGAMENTE. **Casarão da Várzea**. 14 set. 2017. Facebook: Recife de antigamente. Disponível em:
https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2053008461506360&id=1206395696167645&set=a.1206410226166192&locale=pt_BR. Acesso em: 31 junho 2024.

RECIFE DE ANTIGAMENTE. **Terminal do bonde na praça da Várzea**. 03 jul. 2013. Facebook: Recife de antigamente. Disponível em:
<https://pt-br.facebook.com/recantigo/photos/terminal-do-bonde-na-pra%C3%A7a-da-v%C3%A1rzea-ano-n%C3%A3o-informado/1331122833694930/>. Acesso em: 25 maio 2024.

SÁ CARNEIRO, A. R. e MESQUITA, L. B. **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SILVA, Flávio Henrique Mendonça da. **Paisagem do monumento vivo: diretrizes de restauro para a Praça Pinto dâmaso.** 2020. 106 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes e Comunicação, UFPE, Recife, PE, 2020. Disponível em: https://phi.aq.upm.es/site_media/media/files/Paisagem_do_Monumento_Vivo_Diretrizes_de_Restauro_para_a_Pra%C3%A7a_Pinto_Damaso.pdf. Acesso em: 17 set. 2024.

TARDIN, Raquel. *Espaços livres: sistema e projeto territorial*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

VERAS, Lúcia M.S.C. **Carta da Paisagem das Américas: um olhar sobre sua construção e desafios.** Revista Brasileira de Geografia Física, v.14, n.01, 2021, p. 455-478. DOI: <https://doi.org/10.26848/rbgf.v14.1.p455-478>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/view/249491>. Acesso em: 09 jan. 2025.

VASCONCELOS, Thatiana; SÁ, Lucilene. **A cartografica da região metropolitana do Recife.** In: Primeiro Simpósio de Cartografia Histórica.1º, Paraty, 2011. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/VASCONCELOS THATIANA_E_SA_LUCILENE_ANTUNES.pdf. Acesso em: 09 nov. 2024

APÊNDICE A - PERSPECTIVAS





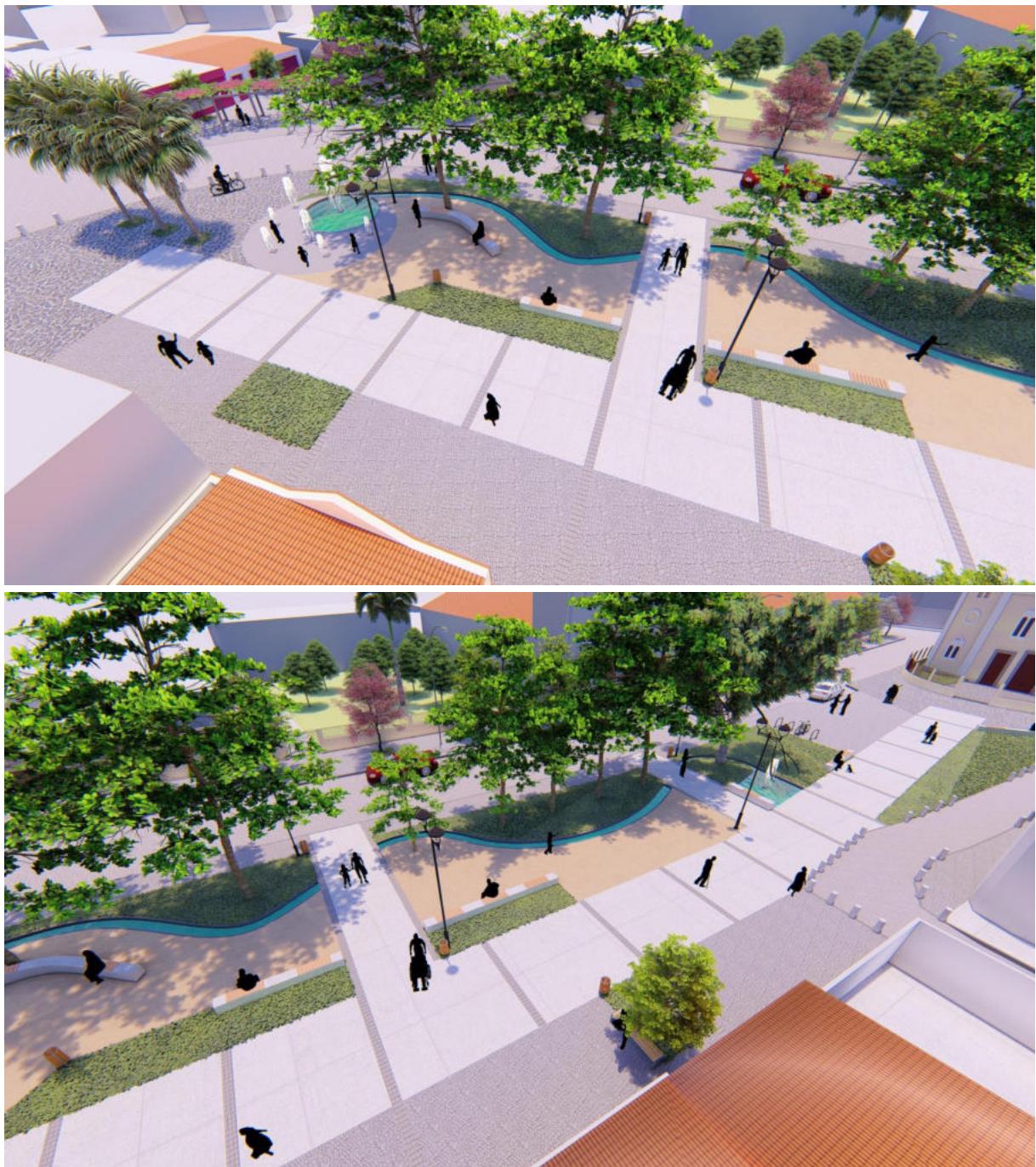












APÊNDICE B - PLANTA BAIXA FINAL

APÊNDICE B - PLANTA BAIXA FINAL



QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES DE SUPERFÍCIES

REF.	HACHURA	FOTO	MATERIAL UTILIZADO
S01			Piso em concreto natural
S02			Três fileiras juntas de pedras paralelepípedo paralelos e alinhados
S03			Lâmina de pedra granítica
S04			Pedra portuguesa branca
S05			Pedra paralelepípedo
S06			Fulget drenante na cor Cinza Argento
S07			Espelho d'água - profundidade de 15cm
S08			Terra batida
S09			Forração gramínea a ser especificada no Quadro de Paleta Vegetal

QUADRO DE PALETA VEGETAL PROPOSTA

SIMB.	FOTO	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	TIPO
		Grama Amedoim	<i>Arachis repens</i>	Forração
		Ipê Roxo	<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Árborea de potencial floral
		Ipê Rosa	<i>Handroanthus heptaphyllus</i>	Árborea de potencial floral
		Ipê Branco	<i>Tabebuia roseo-alba</i>	Árborea de potencial floral
		Palmeira Macaibeira	<i>Acrocomia aculeata</i>	Palmeira
		Primavera	<i>Bougainvillea spectabilis</i>	Arbustiva

INFRAESTRUTURA E EQUIPAMENTOS PROPOSTOS

FOTO	MOBILIÁRIO
	Banco em concreto com assento ripado
	Banco em metal e madeira
	Bicletário metálico preto
	Lixeira metálica com ripas de madeira
	Luminária
	Pergolado metálico com ripas de madeira
	Espirro d'água
	Balizador Fradinho

UFPE CURSO ARQUITETURA E URBANISMO
DISCIPLINA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

ALUNA: LETÍCIA RAFAELA DA SILVA FRAGA
PROFESSORA ORIENTADORA: ONILDA GOMES BEZERRA
PROJETO: PÁTIO DA PARÓQUIA N. SRA. DO ROSÁRIO

PRANCHA: 1/1